

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
LAURA CARNIEL BENIN

**ENGAJAMENTO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO FACEBOOK:
UMA ANÁLISE DA PÁGINA “DEFESA PÚBLICA DA ALEGRIA”**

Porto Alegre
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado.....
.....
....., de autoria de
estudante do curso de Comunicação Social, habilitação
....., desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Assinatura:

Nome completo do **orientador**:

LAURA CARNIEL BENIN

**ENGAJAMENTO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO FACEBOOK:
UMA ANÁLISE DA PÁGINA “DEFESA PÚBLICA DA ALEGRIA”**

Trabalho apresentado junto ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Ms. Camila Cornutti Barbosa

Conceito Final:

Aprovado em ____ de _____ de ____.

Banca examinadora:

Ms. Ramon Tisott - UFRGS

Ms. Ana Lúcia Migowski da Silva - UFRGS

Orientador Ms. Camila Cornutti - UFRGS

*Para meus pais - que são os melhores do mundo,
para todos os meus amigos que fazem a minha vida mais feliz.*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar que tipo de conteúdo no site de rede social Facebook gera mais engajamento em casos de mobilização social popular. Por estes últimos entendemos movimentos sociais que envolvam temas de interesse de determinada sociedade em dado momento histórico. Para a base teórica da pesquisa trouxemos conceitos de redes sociais offline, histórico da internet, elementos de um site de rede social, conceitos de mobilização social e engajamento político no Brasil. Faz-se uma análise da página “Defesa Pública da Alegria”¹ e, para a formação do corpus, foram selecionadas 10 postagens que dissessem respeito ao corte de árvores realizado na cidade de Porto Alegre e aos protestos contra o aumento das passagens do transporte público, também na capital gaúcha. Estas 10 postagens foram analisadas a partir da análise de conteúdo, onde foram categorizadas conforme suas semelhanças e diferenças, além de se observar questões relativas às imagens presentes em cada post. Como conclusão observou-se que as postagens que geraram maior mobilização são imagens fotográficas com texto presente e com status que as complementam.

Palavras-chave: engajamento; mobilização social; redes sociais; Facebook; “Defesa Pública da Alegria”.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/defesadaalegria?fref=ts>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Matéria publicada no G1 no dia 10/04/2013	50
FIGURA 2: Notícia publicada no Sul 21 no dia 26/04/2013	51
FIGURA 3: Reportagem do G1 do dia 04/04/2013	53
FIGURA 4: Reportagem do Sul 21 do dia 28/03/2013	53
FIGURA 5: Imagem da Postagem 01 (de 06/02/13)	57
FIGURA 6: Imagem da Postagem 02 (de 07/02/13)	58
FIGURA 7: Imagem da Postagem 03 (de 21/02/13)	59
FIGURA 8: Imagem da Postagem 04 (de 06/03/13)	60
FIGURA 9: Imagem da Postagem 05 (de 28/03/13)	61
FIGURA 10: Imagem da Postagem 06 (de 02/04/13)	62
FIGURA 11: Imagem da Postagem 07 (de 04/04/13)	63
FIGURA 12: Imagem da Postagem 08 (de 05/04/13)	64
FIGURA 13: Imagem da Postagem 09 (de 16/04/13)	65
FIGURA 14: Imagem da Postagem 10 (de 18/04/13)	66

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Relação das Postagens Analisadas na <i>fanpage</i> “Defesa Pública da Alegria”	55
TABELA 2: Relação das Postagens Analisadas a partir da Análise de Conteúdo	67

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Redes sociais offline, internet e a relação com redes sociais online	13
2.1 Redes, Atores, Interações e Capital Social	14
2.2 Surgimento e fases da internet	16
2.3 Redes Sociais na internet	17
2.3.1 O Facebook.....	26
2.4 As redes sociais na internet e a web 2.0	27
3. Mobilização Social offline e a potencialização do engajamento na web. 2.0	32
3.1 Considerações sobre mobilização social	32
3.2 Breve Contextualização acerca do ativismo político no Brasil.....	35
3.3 Web 2.0 e a potencialização da participação Social	38
4. Análise da página Defesa Pública da alegria.....	46
4.1 Análise de conteúdo.....	46
4.2 Análise de imagem	47
4.3 Definição do corpus de pesquisa e recortes a partir do objeto	49
4.3.1 O Corte de árvores	50
4.3.2 O aumento da passagem de ônibus	52
4.4 Categorização das postagens	54
4.5 As postagens a partir da Análise de Conteúdo	57
4.5.1 Postagem 01 X Análise de Conteúdo	57
4.5.2 Postagem 02 X Análise de Conteúdo	58
4.5.3 Postagem 03 X Análise de Conteúdo	59
4.5.4 Postagem 04 X Análise de Conteúdo	60
4.5.5 Postagem 05 X Análise de Conteúdo	61
4.5.6 Postagem 06 X Análise de Conteúdo	62
4.5.7 Postagem 07 X Análise de Conteúdo	63
4.5.8 Postagem 08 X Análise de Conteúdo	64
4.5.9 Postagem 09 X Análise de Conteúdo	65
4.5.10 Postagem 10 X Análise de Conteúdo	66
4.6 Análise de imagem	68
4.6.1 Postagem 01 X Análise de Imagem	68
4.6.2 Postagem 02 X Análise de Imagem	69

4.6.3 Postagens 03 e 04 X Análise de Imagem	69
4.6.4 Postagem 05 X Análise de Imagem	70
4.6.5 Postagem 06 X Análise de Imagem	70
4.6.6 Postagem 07 X Análise de Imagem	70
4.6.7 Postagem 08 X Análise de Imagem	71
4.6.8 Postagem 09 X Análise de Imagem	71
4.6.9 Postagem 10 X Análise de Imagem	71
4.7 Relações entre as postagens analisadas	72
5. Considerações finais.....	80
6. Referências	82

1. Introdução

Em pesquisa feita no ano de 2012, foi constatado que mais de 94,2 milhões de pessoas tem acesso a internet no Brasil². Este número mostra a importância e a relevância social que esta tecnologia tem adquirido na nossa sociedade. Sites de redes sociais, que são os responsáveis pela maior parte dos acessos à internet, crescem diariamente e os usuários criam e recriam maneiras e potencialidades destes espaços virtuais. Em função disso, observamos diversas mudanças na sociedade em função deste uso, assunto que será tratado ao longo do trabalho. Uma destas mudanças é a descentralização do poder da informação que agora passa a ser dividido com uma população conectada com acesso a dados e possibilidades de registros fotográficos, em vídeo ou textuais de momentos relevantes para uma sociedade. Além deste acesso existe uma facilidade na disseminação de informações que podem circular por diversos grupos sociais diferentes através dos sites de redes sociais.

Outro fenômeno observado com o advento das redes sociais na internet é o seu uso para o engajamento de indivíduos em torno de uma causa social relevante para determinado grupo. A partir de funcionalidades das redes sociais, indivíduos podem se organizar em rede para planejar ações como protestos e abaixo assinados que interferem na vida política dos cidadãos. Em virtude dessa prática não ter muito tempo de existência, é necessário que se estude, em um viés comunicacional, a forma como elas ocorrem. Assim, partimos do seguinte problema: qual o tipo de conteúdo que é mais curtido e compartilhado na rede social Facebook em movimentos de mobilização social? Para compreender estas questões, de modo a percebermos como se dá o engajamento dos sujeitos neste contexto, o trabalho será dividido da seguinte forma: primeiramente, serão abordadas as redes sociais offline e seus elementos para trazer então as

² Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/acesso-a-internet-no-brasil-atinge-94-milhoes-de-pessoas.aspx> - Acesso em 04/05/2013.

redes sociais online e características da web 2.0. Neste mesmo capítulo, também será abordado o surgimento da internet e suas fases de forma que se possa compreender sua formação e linha histórica. Em um segundo momento, no capítulo seguinte, serão trazidas características e conceitos de mobilização social e uma breve história do ativismo político no Brasil de forma que se possa compreender o contexto atual em relação ao nosso objeto empírico. Neste capítulo, serão também abordadas características participativas da web 2.0.

Analisaremos uma página no Facebook chamada “Defesa Pública da Alegria”, com o objetivo de elucidar qual é o tipo de conteúdo mais curtido e compartilhado nessa página. Entendemos que as conclusões tiradas deste estudo podem ser aplicadas em outros casos de mobilização social que tenham semelhanças ao que estudamos, podendo ser utilizada inclusive para planejar uma ação de mobilização com mais assertividade.

A partir da página escolhida, selecionamos 10 postagens que dissessem respeito ao corte de árvores feito na cidade e aos protestos contra o aumento das passagens de ônibus. Foram utilizados os procedimentos metodológicos de análise de conteúdo e análise de imagem. A partir das análises, compreendeu-se qual o tipo de conteúdo que gera maior mobilização e suas especificações, de forma que estas conclusões possam ser replicadas para ações de engajamento nesta rede social.

No campo da comunicação, há a necessidade de estudar este fenômeno que se transforma com grande rapidez e influencia a vida política. Isto porque a cada dia são criadas e recriadas novas apropriações das redes sociais pelos usuários, fazendo com que a gama de possibilidade de atuação seja muito grande. Além da importância dentro do campo da comunicação, existe uma relevância social para compreender como pessoas comuns, que não fazem parte da elite política e econômica que decide os rumos da sociedade, podem agir coletivamente e propor novas formas de se pensar a cidade. Deste modo, este estudo se torna pertinente no sentido de compreender quais tipos de conteúdo geram maior engajamento em casos de mobilização social para que estes possam ser replicados e mais pessoas possam participar da vida política.

Há também um interesse pessoal em compreender estes processos para potencializar o trabalho do Terceiro Setor nas redes sociais, no qual trabalho. Compreendendo os processos de engajamento social e as mudanças culturais, é possível potencializar a mobilização social,

agregando um número cada vez maior de pessoas em causas como voluntariado, economia criativa, cidadania e retomada das cidades.

2. Redes sociais offline, internet e a relação com redes sociais online

Para se pensar as redes sociais online e suas implicações, é necessário fazer um diálogo com as teorias de redes sociais offline, grupos sociais e o modo como a sociedade tem interagido com a internet nos últimos anos. Para tal, iniciaremos o presente capítulo abordando a constituição das redes sociais e seus elementos, como os atores, os laços sociais, os nós, as interações sociais e o capital social proveniente destas relações. Partimos então para o surgimento da internet, remontando seus primórdios e trazendo alguns conceitos sobre a sua divisão didática em três fases. Depois de apontadas as redes sociais e o modo como a internet se desenvolveu, falaremos sobre as redes sociais na internet, o modo como se constituem, suas características e questões da interação mediada por computador. Neste mesmo momento traremos alguns conceitos que fazem uma comparação entre as redes sociais offline e as redes online.

Feita a discussão sobre os sites de redes sociais, buscamos alguns conceitos que elucidam as características do site de rede social que temos interesse de análise, o Facebook, partindo então para as questões participativas da web 2.0 e sua manifestação nos sites de redes sociais. No último subcapítulo, a web 2.0 será aprofundada, fazendo uma relação com as possibilidades dos sites de redes sociais.

2.1 Redes, Atores, Interações e Capital Social

De acordo com Gabriel (2010), as redes sociais existem há pelo menos três mil anos, quando os homens se sentavam em volta de uma fogueira para discutir assuntos comuns. Nos seus primórdios, elas eram limitadas pela linguagem oral e de sinais, pela geografia e pelo tempo real, pois exigiam a presença física dos participantes. O que foi modificado ao longo da história, foi sua abrangência e difusão, em função das tecnologias sociais existentes. A autora atenta que redes sociais dizem respeito às pessoas e suas relações, e a tecnologia é apenas um complexificador. Desta forma, uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos e suas interações, e entendida como uma metáfora para observar os padrões de conexão dos grupos sociais a partir das interações estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões.

Compreende-se, a partir de Gabriel (2010), que as redes sociais são compostas de atores (nós) e laços sociais. Os laços podem ser categorizados como fortes, fracos ou ausentes. Os primeiros são característicos de relações próximas. Os segundos são provenientes de relações mais distantes e os ausentes são identificados quando não existe relacionamento entre os nós. Os laços fracos são os grandes responsáveis pela estrutura das redes sociais, uma vez que permitem ultrapassar grupos sociais e ligar nós diferentes. Ou seja, as maiores oportunidades e ameaças estão nestes laços que podem ampliar ou reduzir o capital social com novas informações.

As comunidades seriam subgrupos dentro das redes sociais, onde os laços sociais são mais fortes e o capital social resultante também. Isto porque este último é determinado pela qualidade dos laços interpessoais entre os nós e as informações que ali circulam. Segundo Gabriel (2010), o capital social pode ser entendido como o valor que cada nó adquire por meio das redes sociais que pertence, também podendo ser um valor de grupo que desponta através da conexão dos indivíduos pertencentes. Neste sentido, Raquel Recuero (2011) também traz um conceito de capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo, baseado na reciprocidade, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriado individualmente.

Para Costa (2005)³, existem alguns indicadores para se avaliar o grau de capital social de uma comunidade, como a implicação dos indivíduos em instituições, chamado de capital social

³ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003 - Acesso em 20/03/2013.

estrutural e a confiança, chamado de capital social cognitivo. Além disso, a ocorrência de ações coletivas, que indica a coesão social do grupo. Para o autor (2005, online) o capital social pode ser entendido como o “modo como os atores econômicos interagem e se organizam para gerar crescimento e desenvolvimento”. Putnam (2000, *apud* RECUERO, 2011) afirma que o capital se forma na conexão/interação entre pessoas, redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela. O valor social, desta forma, está no individual e na coletividade. O primeiro diz respeito ao fato de que o indivíduo quer fazer parte de uma rede para seu benefício próprio e o segundo de que o capital social de cada indivíduo reflete-se no grupo. Putnam envolve três elementos no capital social: as normas, os valores sociais e as redes sociais. Os valores sociais são escolhas individuais, influenciadas pelo grupo - que geram confiança e valor social e acabam por (re)influenciar o comportamento grupal. Já as normas dizem respeito ao comportamento dentro do grupo que gera segurança e confiança.

Para Putnam (2000, *apud* RECUERO, 2011), o elemento central entre a democracia e o capital social é o compromisso cívico, que pode ser entendido como uma forte obrigação do cidadão com a comunidade em que está inserido. A formação de uma comunidade cívica faz com que os cidadãos se empenhem e ajam em prol da sua rede. Esse empenho ocorre também na forma de associações cívicas voluntárias onde os cidadãos podem expor suas demandas ao governo e proteger-se contra o abuso de poder por parte dos governantes. Essas associações geram uma rede de confiança, onde a vida pública é debatida e é agregado ainda mais valor ao capital social do grupo. A formação destas associações e seu estudo é, segundo Schimidt (2004), muito importante para o êxito da democracia na relação da sociedade civil com o Estado. O autor (2004) entende esta forma de organização política como uma maneira das compreender a sociedade, ao invés de entender esta última como um conjunto de instituições. Schimidt (2004), no entanto, atenta que nem sempre o capital social é positivo. Existem diversos grupos sociais que apresentam alta capacidade de coordenação e cooperação com objetivos que são nocivos à democracia. São exemplos disso organizações ligadas ao crime organizado, a máfia ou o tráfico.

Conforme já dito, o surgimento de novas tecnologias acabam por complexificar as redes sociais formadas entre indivíduos e a internet, que teve sua primeira estruturação em 1969, é um exemplo disso. A seguir veremos o surgimento e as fases da internet, conforme segue.

2.2 Surgimento e fases da internet

Os primórdios da internet nos levam à Arpanet, uma rede de computadores que foi montada pela a Advanced Research Projects Agency (ARPA) em 1969. Limeira (2007) afirma que o projeto da ARPANET tinha o propósito de conectar diferentes computadores à distância, de modo que a desconexão de um ponto não afetasse a rede como um todo. Segundo Castells (2003), seis anos após a criação, havia cerca de quinze nós conectados, grande parte em centros de pesquisa universitários. A ARPA administrava duas outras redes, e sua conexão entre as três trouxe, de acordo com Castells (2003), um novo conceito na história da internet, uma rede formada por redes. Para que esta união se tornasse possível, era necessário um protocolo de comunicação padronizado, que foi elaborado em 1973, com o projeto de protocolo de controle de transmissão (TCP), sendo acrescentado o protocolo IP dois anos mais tarde. Em 1990, a ARPANET parou de funcionar e a internet passou a ser administrada pela National Science Foundation que passou a financiar fábricas de computadores para que elas incluíssem o protocolo TCP/IP no momento da fabricação, propiciando um maior acesso à internet e interligando computadores de todo o mundo.

Na década de 90, muitas novas redes foram criadas a partir do projeto inicial da ARPANET, expandindo a internet pelo mundo com a criação de novos nós. A partir da criação do UNIX iniciou-se uma tendência na construção colaborativa de redes. Foi sob esta perspectiva ideológica que Linus Torvald desenvolveu um novo sistema operacional baseado no UNIX, o Linux que foi distribuindo pela internet e os usuários passaram a fazer modificações para aperfeiçoá-lo.

Em 1989, o pesquisador europeu Tim Berners-Lee sugeriu um projeto para unir a internet, o hipertexto e a multimídia. O projeto finalizou na criação do HTML (HyperText Markup Language) que, para Limeira (2007, p. 17) “possibilitava que uma palavra ou frase fosse anexado a um link para outra página ou documento arquivados na internet, no mesmo ou em qualquer outro computador”. Já a World Wide Web (www) foi lançada em 1991 e permitiu que computadores em todo o mundo compartilhassem informações. Os projetos agora procuravam desenvolver uma forma que tornasse mais fácil a procura de informações na web. O primeiro software navegador foi o Mosaic, lançado em 1993, seguido do navegador comercial Netscape Navigator e o Internet Explorer. Desde a disseminação da internet, em meados de 1990, até os dias de hoje, ela passou por uma série de mudanças que estimulam a participação cada vez mais

ativa os usuários. Gabriel (2010) aponta para os conceitos de web 1.0, web 2.0 e web 3.0 e atenta para o fato de que não se trata de atualizações técnicas na web, mas apenas uma divisão didática das formas que os usuários e desenvolvedores de softwares pensam e utilizam a internet.

A fase da web 1.0 é a primeira fase da internet, onde as pessoas navegavam e consumiam informações. O usuário tinha menos possibilidades de interação, podendo apenas navegar de um link para o outro. Neste sentido, a produção de conteúdo era feita de poucos para muitos e as informações eram apenas consumidas, sem diálogo e réplicas. O termo web 2.0 foi criado por Tim O'Reilly em 2005 para definir a internet participativa, onde todos podem, potencialmente, ser produtores de conteúdo e navegar de forma interativa. Atualmente, alguns autores, como Gabriel (2010) falam do surgimento de uma nova fase da internet, a web 3.0 ou web semântica. De acordo com a autora (2010), caminhamos para uma fase onde as pessoas, animais, objetos, e não somente documentos, estarão na internet. Uma vez que isto irá gerar uma quantidade ainda maior de informações disponíveis na web, precisamos de um novo paradigma de busca e organização destas informações e por isso essa nova fase é entendida como semântica. Porém, para o presente trabalho, nosso foco é a web 2.0 e seu caráter participativo que será abordado ao longo do texto.

Tendo elucidado os conceitos de redes sociais offline, capital social, o surgimento da internet e uma breve contextualização de suas fases, cabe trazer agora os conceitos de sites de redes sociais.

2.3 Redes Sociais na internet

De acordo com Recuero (2011, p. 102), sites de redes sociais são “os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet. Boyd e Ellison (2008 *apud* RECUERO, 2011) afirmam que este tipo de site pode ser assim definido por permitir a construção de um perfil pessoal, a interação entre atores através de comentários e a exposição públicas dos atores. A grande diferença dos sites de redes sociais para os outros sites é que os primeiros permitem articulações entre atores, visibilidade e manutenção de laços sociais. O primeiro elemento que pode definir um site como site de rede social é a apropriação. O site por si só, como um sistema técnico, não se apresenta como uma rede social. Pode-se dizer que ele apenas propicia as ferramentas para que esta última possa ser desenvolvida. Os sites de redes sociais propriamente

ditos tem seu foco em expor e publicizar as redes sociais dos atores, ou seja, eles são voltados tecnicamente para ampliar e complexificar as conexões para a formação de redes sociais. É o caso do Orkut, LinkedIn e Facebook, por exemplo. Existem, porém, sites que não foram planejados tecnicamente como sites de redes sociais, mas, em função do seu uso, acabaram por se tornar este tipo de site por apropriação. É o caso de blogs, Fotologs e Twitter. Outra questão relevante para o estudo dos sites de redes sociais é que eles atuam em diferentes planos de sociabilidade, uma vez que os usuários podem utilizar cada site de rede social para um fim, gerando tipos diferentes de capital social, assunto que será desenvolvido mais adiante.

Recuero (2009)⁴ faz uma relação das redes sociais online com as redes sociais offline, afirmando que estas primeiras podem expandir as últimas, acrescentando conexões que não precisam necessariamente de interação constante e que são mais relacionadas com o suporte tecnológico. Ainda pode-se dizer que os conteúdos gerados nos sites de redes sociais podem gerar repercussão nos assuntos discutidos offline, sendo uma extensão ou incremento deste último. Os sites de redes sociais online tem sido utilizados, segundo a autora, como uma forma de manutenção das redes sociais offline, sem exigir tanto investimento, gerando novos espaços, valores e formas de interação.

Ainda para Raquel Recuero (2011), as redes sociais na internet possuem elementos que lhe são característicos e geram a compreensão do seu funcionamento. Segundo a autora, os primeiros elementos das redes sociais são os atores. Na noção trazida no início deste capítulo, os atores são elementos fundamentais para que exista uma rede, junto com as interações. Na internet, eles são representações construídas no ciberespaço, isto é, representações de atores sociais. Isto ocorre porque existe um distanciamento físico, característico do suporte tecnológico, e os atores envolvidos utilizam uma série de elementos para construir a sua identidade e se expressar, como a fala, as gírias e a foto vinculada ao ator. Há um processo constante e permanente de construção e expressão da identidade em diferentes espaços da web que o ator participa. Essa construção propicia as pistas necessárias para que possa ocorrer a interação social entre os presentes e ocorre em toda representação nos sites de redes sociais, como um blog ou um perfil. Cada uma destas representações pode ser compreendida, de acordo com a autora

⁴ Disponível em:

http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html

- Acesso em 07/04/2013

(RECUERO, 2011), como um nó. Entre estes nós, existe um elemento básico de todas as relações e laços sociais, a interação social - uma ação que tem reflexos comunicativos entre atores sociais. No ciberespaço, a interação assume características próprias. Já que não há pistas de uma comunicação não verbal, os atores tem que usar outras formas para interpretar o contexto de uma conversação. Este contexto precisa ser constantemente resgatado, pois a internet permite que a comunicação entre atores continue mesmo que um deles esteja desconectado do ciberespaço. Por isso, Recuero (2011) afirma que a unidade temporal na conversação online é diferente da offline, podendo ser síncrona ou assíncrona. A última acontece nas interações realizadas por e-mail e mensagens, enquanto a primeira é característica de chats, Skype e outras redes de mensagens instantâneas.

Conforme Recuero (2012), as conversações são o gênero mais básico da interação humana e nas redes assumem algumas características, como a permanência dos conteúdos, pois uma conversa fica arquivada no ciberespaço e os usuários podem acessá-la em outra ocasião. Estas características são facilitadoras do acesso a conteúdos para os usuários, uma vez que o que foi postado a respeito de um assunto pode ser rastreado. A conversação realizada no meio online também pode ocorrer em diversas plataformas e canais, pois uma vez que uma opinião é publicada, ela pode se espalhar por diversas redes e grupos sociais. É a capacidade deste tipo de conversação de permanecer gravada que implica o envolvimento de mais interagentes do que os que iniciaram a conversa. Também implica que pessoas que não estão envolvidas em uma conversação possam buscá-la na rede, causando uma tensão entre público e privado. Recuero (2012), afirma que a incorporação das redes sociais no cotidiano gerou uma ressignificação das potencialidades devido a interesses e motivações dos grupos sociais. Características da conversação face-a-face como a oralização, e o uso de recursos como os *emoticons* (ícones gráficos que simulam emoções), foram incorporados para tornar a conversação online mais simples de ser interpretada. Outra questão trazida pela autora é a de que na internet se trabalha com audiências invisíveis. Como o conteúdo está geralmente acessível a todos, há uma suposição de quem irá ler a mensagem. Por mais que a mensagem seja pensada para atingir determinado público, diversos outros poderão entrar em contato com a mensagem.

Primo (2003), elucida que uma relação criada entre duas pessoas, mediada por computador ou não, não é uma soma de características individuais, mas se dá através de ações recíprocas de cada interagente. Dessa forma, é impossível deduzir qual vai ser o resultado de uma

interação. Ela pode desenvolver um laço social forte ou ser apenas uma troca breve. Para definir as formas como se dão estas interações, Primo (2003) atenta que elas podem ser mútuas ou reativas. A primeira é dialógica, negociada e criativa entre dois atores. A segunda, é determinada por ações de estímulo e resposta, sem interdependência, como clicar em um link. As duas possuem impacto social para os atores e para o ambiente onde estão inseridos e o aparecimento de uma não impede a realização de outra. No caso de um ator adicionar outro no Facebook, por exemplo, existe uma interação reativa quando o usuário pode aceitar ou não o pedido e pode acontecer também uma interação mútua, quando os atores interagirem através do chat. Por isso, o autor (PRIMO, 2003), atenta que as relações entre duas pessoas podem ir se transformando durante o seu desenvolvimento, criando padrões mútuos interativamente. Para o autor (PRIMO, 2003), é importante evitar um equívoco existente que compara a interação mútua com o *feedback*. Este último, deve ser entendido apenas como o recebimento de um sinal que pode motivar uma nova interação, mas é caracterizado como um estímulo mecanicista. Outra questão importante trazida pelo autor em sua tese é de que, mesmo em uma comunicação mediada por computador, o contexto expandido não é isolado. Primo (2003) traz o exemplo de duas pessoas que conversam por um chat sobre notícias de política que leram no dia da conversa. Neste caso:

A filiação partidária de cada interagente, o cansaço de ambos, a situação da economia nacional e o próprio “clima” nervoso do debate são exemplos de implicações contextuais que transformam a evolução da relação desenvolvida entre os dois personagens hipotéticos através da Internet (PRIMO, 2003, p. 106).

Pode-se perceber, como já indicado anteriormente neste trabalho, que o ciberespaço não é isolado do mundo offline e sim o complexifica. Vale salientar que as relações sociais não precisam ser necessariamente relações sem conflito que aumentem os laços sociais, elas podem justamente diminuir a força deste último. Por isso, Recuero (2011) salienta que a relação social é independente do seu conteúdo.

Um vez feita a interação, que gera relação, se forma a ligação efetiva entre os atores envolvidos, o laço social. O laço pode ser entendido como a sedimentação da relação estabelecida. Porém, um laço social não é sinônimo de uma relação duradoura e dialógica, ele pode também se formar a partir de interações reativas e ser compreendido como um laço meramente associativo. Os laços também podem ser classificados como forte ou fracos, sendo os primeiros caracterizados pela proximidade e laços de conexão mais duradouros entre dois atores.

Os laços fracos também tem sua importância nas redes sociais, pois são eles que a estruturam e geram as possibilidades de conectar os nós. Se houvesse apenas laços fortes nas redes sociais, os grupos seriam fechados em si mesmos, não gerando novas chances de conexão com nós de grupos distintos. Dentro desta discussão a respeito da qualidade das conexões e tipo de laços está o capital social. O conceito já foi trazido no início do presente capítulo e pode ser entendido, de maneira geral como um “valor constituído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2011, p. 45). O capital social é gerado, não apenas a partir das interações e relações entre indivíduos mas também a partir do conteúdo da troca que está sendo realizada. Este conteúdo determina o aprofundamento dos laços sociais, que aumenta o capital social no grupo ou na rede social.

Bertolini e Bravo (2004 *apud* RECUERO, 2011) definem categorias onde o capital social pode ser percebido nas redes sociais:

- a) relacional: soma das relações e laços;
- b) normativo: normas de comportamento;
- c) cognitivo: soma do conhecimento do grupo;
- d) confiança: confiança no comportamento dos indivíduos de determinado grupo;
- e) institucional: instituições presentes na estruturação.

Uma vez que o capital social tem aspectos individuais e coletivos, os autores o dividem em primeiro e segundo nível, sendo o último apenas desfrutado na coletividade e o primeiro desfrutado pelo indivíduo. A existência de um segundo nível, isto é, um capital social reproduzido por um grupo ou rede, demonstra que existe uma maior maturidade nas relações existentes, o que indica a predominância de laços fortes. A existência de um segundo nível também faz com que as relações do primeiro nível sejam qualificadas, uma vez que estimula que os indivíduos incrementem seu capital social individual e o reproduzam no grupo.

O capital social desenvolvido nos sites de redes sociais tende a ser relacional, ou seja, as relações e laços são construídos e mantidos no ciberespaço. Diferentemente do meio offline, onde o laço social precisa ser mantido através de interações, na internet o próprio sistema tem a capacidade de manter os laços sociais. Este capital social relacional está atrelado a alguns valores que se desenvolvem nas redes sociais da internet, como a visibilidade, a reputação, a popularidade e a autoridade. Nestas redes, há a amplificação da visibilidade entre nós e quanto

mais conexões um indivíduo possuir maior será sua rede de apoio e a possibilidade de receber mais e mais variados tipos de informação.

Uma vez que a criação de um perfil em um site de rede social é um requisito básico para participar da rede, pode-se dizer que a visibilidade é um valor atrelado a este tipo de site e pode auxiliar a desenvolver outros valores já citados anteriormente. A reputação é a percepção sobre alguém construída pelos demais atores. Esta percepção é influenciada pelas noções a respeito das ações de um indivíduo e também das construções dos outros atores sobre a ação. Uma vez que nos sites de redes sociais tudo é publicizado, eles são ambientes do ciberespaço muito efetivos para a construção de reputação. A popularidade, por sua vez, é um valor que está relacionado à audiência e também se apresenta nas redes sociais. Ela é medida pelo número de conexões, número de comentários ou número de visualizações de página de determinado ator, que indica sua capacidade de influenciar um grande número de pessoas. É uma medida quantitativa que situa a posição de um nó na rede em relação aos outros. A popularidade não indica autoridade, pois este último diz respeito à quantidade de conversações que um nó pode gerar a partir daquilo que se diz. É uma medida quantitativa, pois pode ser medida pelo número de seguidores, mas também qualitativa, já que diz respeito a construção de uma audiência que atribui valor de ‘especialista’ a determinado ator em função das informações disseminadas.

Dentro das redes sociais existem as comunidades virtuais, que são, segundo Lemos (2010) agregações que envolvem interesses comuns e independem de fronteiras ou demarcações territoriais físicas. Recuero (2011) as define como ‘um conjunto de atores e suas relações que, através das interações sociais em um determinado espaço, constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*⁵, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento’ (RECUERO, 2011, p. 144). De acordo com a autora, a diferença entre uma rede social e uma comunidade virtual são os elementos de conexão entre os atores, uma vez que os usuários continuam os mesmos. As comunidades são o núcleo das redes sociais que possuem maior densidade, constituídas de laços fortes e capital social do segundo nível. Dessa forma, qualquer ambiente virtual pode se constituir como uma comunidade, dependendo do tipo de relação existente. As estruturas das comunidades tendem a formar nós cada vez mais próximos e ficar cada vez mais densas. Dentro delas, estão concentrados um grande número de conexões de maior valor fazendo

⁵ Estrutura de nós muito conectados.

com que as conexões sejam recíprocas entre os atores. Partindo de uma perspectiva mais individualista do que a proposta por Lemos, Castells (2003) entende que os indivíduos montam suas redes e comunidades a partir do seus próprios interesses. As comunidades virtuais são desterritorializadas no sentido de que os atores não precisam estar face-a-face para que as interações possam ocorrer. Porém, as comunidades virtuais possuem um local virtual certo para acontecer, onde os indivíduos se dirigem para ter este tipo de interação.

Como já explicitado anteriormente, a web 2.0 é caracterizada por excesso de informação, uma vez que todo usuário é um produtor de conteúdo em potencial. Nos sites de redes sociais, existem ferramentas que facilitam ainda mais essa construção, replicação e difusão de informações. A grande difusão de informação também é associada a um grande número de indivíduos conectados a diversos grupos sociais que são usuários de diversas redes, chamados de conectores. Recuero (2011), faz uma relação entre o tipo de informação disseminada, o fluxo de comunicação que gera e o capital social que está atrelado. O capital social construído por cada indivíduo tem influência no tipo de conteúdo que será postado, já imaginando o *feedback* de sua audiência e a manutenção deste capital. Cada tipo de informação atua em um tipo diferente de capital social. As informações de cunho pessoal, criadas para aumentar a relação de confiança e intimidade entre os usuários acaba por disseminar mais rapidamente entre laços fortes na mesma rede social. É o caso de correntes no Facebook onde cada usuário completa o texto com suas informações pessoais e escolhe outros atores para fazer o mesmo. Este tipo de publicação tende a fortalecer o capital social relacional, pois atua na geração de confiança entre laços fortes. Já a disseminação de informação de cunho informativo, que espera informar a rede a respeito de novidades, tende a se disseminar entre laços fracos e circular por diversas redes sociais. Este conteúdo também é mais efêmero pois depende de ser novidade para ser válido e está associado ao capital social cognitivo.

Dawkins (2001 *apud* RECUERO 2011) cunhou o conceito de *memes*, fazendo uma analogia da produção e replicação de conteúdos online com a seleção natural. Este estudo analisa que tipo de ideia sobrevive e é replicada e que tipo cai no esquecimento. Para isso, utiliza princípios como a mutação, hereditariedade e a seleção natural. A mutação diz respeito à capacidade do meme de transformação ao ser replicado. A hereditariedade diz respeito aos memes que apresentam variação de ideias antigas mas continuam atuando no presente. Já a seleção natural é a capacidade que um meme tem que se destacar mais que os outros. Estas três

características, podendo ser também entendidas como a longevidade, a fidelidade e a fecundidade, definem a sobrevivência de um conteúdo na internet. A respeito da fidelidade da cópia, Recuero (2011) traz o exemplo de links, chamados de replicadores, que são replicados em blogs de forma idêntica representando apoio a outros blogs. Este tipo de informação é chamada de metamórfica e estimula o capital social cognitivo, pois tem caráter informativo, mas pode estimular capital social relacional quando a informação é recombinação, sem no entanto perder a referência original. Já os memes miméticos, sofrem recombinações mas são ainda percebidos como cópias do original. Um meme tem seu tempo de circulação online, caracterizando sua longevidade. Ele pode ser persistente ou volátil, como o caso de algumas *hashtags*⁶ utilizadas no Twitter para eventos, conceito que será abordado mais adiante. A fecundidade é um indicativo da circulação do meme por diversas redes e atores nos sites de redes sociais e pode ser identificado como epidêmico, ao circular por muitas redes ou como fecundo, ao circular em um grupo ou rede específica. Um meme epidêmico possui geralmente uma circulação global, estando associado a manutenção de laços fracos em grupos sociais diversos. Os memes fecundos agem na manutenção de relações mais próximas, de pessoas que interagem com mais frequência.

Anteriormente foram trazidos os conceitos de autoridade, popularidade e reputação, valores encontrados nas redes sociais. Como já dito, a construção de valores pode ser feita de maneira intencional com o uso de determinados elementos para gerar uma percepção. O uso de memes metamórficos e epidêmicos está atrelado à autoridade, uma vez que as informações são difundidas porque há atores influentes que a criam ou reproduzem. O primeiro porque há espaço para uma argumentação que pode influenciar os demais e o segundo porque a propagação feita por um ator influente pode gerar a disseminação do conteúdo na rede. Da mesma forma, o meme epidêmico está atrelado a valores de popularidade já que tem mais chance de ser popularizado partindo de um nó central na rede.

Cabe aqui definir mais algumas propriedades das redes sociais que serão abordadas mais tarde na análise do caso empírico. Recuero (2011) traz o conceito de multiplexidade que diz respeito à medida de diferentes tipos de relações sociais que existem na mesma rede. Um mesmo ator, por exemplo, pode utilizar diversas redes sociais para ter interações com outro ator. Neste caso, o laço formado entre os dois é multiplexo, pois se utiliza de diversas redes para se manter.

⁶ *Hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que designam o assunto o qual está se discutindo em tempo real no Twitter.

Já o grau de conexões pode ser entendido como o número de conexões que um nó possui, sendo que quanto maior o número de conexões, mais central o nó é na rede. O conceito de densidade é uma medida para o grau de conexão dentro da rede. No Facebook, por exemplo, existe uma quantidade máxima de cinco mil conexões para perfis pessoais e a densidade de conexão de um nó é medida a partir desta perspectiva máxima.

As redes sociais, sejam elas offline ou online, são organismos vivos, formadas de interações e laços sociais e que sofrem impactos de acordo com a forma como estes últimos ocorrem. De acordo com Recuero (2011) existe uma circularidade nas informações que faz com que a estrutura seja mantida em sua base e as interações continuem acontecendo. Desta forma, as redes existem em um equilíbrio dinâmico onde suas partes são constantemente negociadas e reestruturadas de acordo com a necessidade. Parte destas mudanças dentro das redes ocorrem porque os indivíduos lidam com a competição, a cooperação e o conflito. A cooperação é o elemento que forma as estruturas sociais, porém a competição também atua neste sentido. Em um grupo, a cooperação individual pode ser gerada por interesses próprios, pelo capital social do grupo ou por concordar com o objetivo central. No caso de grupos no Facebook, por exemplo, a maior parte dos membros atua por um objetivo comum e a competição e conflito funcionam como elementos que abalam as estruturas sociais e fazem com que o grupo tenha que se reestruturar constantemente. A agregação e a ruptura também são dinâmicas esperadas em grupos sociais que podem modificar as estruturas. Uma rede pode ter seu comportamento grupal alterado em virtude de um aumento ou diminuição do número de membros. Nas redes sociais, os conectores, isto é, pessoas com muitas conexões, são os responsáveis por agregar pessoas ao grupo. A questão da agregação e ruptura constantes nas redes diz respeito à capacidade que um grupo tem de se adaptar e se auto gerir. Com as redes sociais online, as pessoas se adaptaram e passaram a praticar novas formas de sociabilidade que até então não estavam presentes no seu cotidiano.

Partindo da análise das interações, que formam as relações e, posteriormente, os laços sociais, as redes sociais em si também podem ser classificadas como emergentes ou associativas. A mesma rede pode apresentar as duas características dependendo do tipo de interação que é desenvolvida. No caso da rede emergente, ocorre a interação mútua, onde os dois atores interagem para criar um laço mais duradouro. Já as redes associativas são formadas, em sua maior parte, por interações reativas do tipo ação-reação, onde indivíduos podem estabelecer uma

relação sem necessariamente desenvolver interações com outros indivíduos participantes. Estas redes costumam ser maiores, contendo um maior número de nós e conexões porque exigem menos investimento social por parte dos participantes. No caso da rede analisada, o Facebook, pode-se perceber que é uma rede tanto associativa como emergente, podendo o usuário estabelecer interações mútuas ou reativas entre si ou com o grupo.

Dentro do site de rede social como um todo, existem as comunidades virtuais, subgrupos onde se constituem laços sociais e geram capital social associado a um tipo de pertencimento. Da mesma forma que as redes são definidas como emergentes ou associativas, as comunidades virtuais também podem ser analisadas desta maneira. Estes grupos representam um agrupamento de nós em torno de um interesse comum onde podem existir laços associativos que gerem laços dialógicos através da interação social. Os grupos ou eventos no Facebook podem ser considerados comunidades virtuais dentro de uma rede maior. Neste caso, os atores podem participar com laços associativos, apenas partilhando destes espaços como um observador, mantendo laços fracos com os demais, ou com laços emergentes, constituindo um diálogo e mantendo um contato mais íntimo. Neste último, os atores investem na manutenção do laço e uma simples presença online não se faz suficiente. A junção destas duas formas de comunidades e redes, a associativa e emergente, podem coexistir no mesmo ciberespaço caracterizando uma rede híbrida onde existem atores conectados por laços associativos de pertencimento e admiração e interagentes com laços fortes formando uma rede emergente. É o caso do Facebook, rede que será analisada no trabalho.

2.3.1 O Facebook

O Facebook foi criado em 2004, pelo estudante de Harvard Mark Zuckerberg, como uma forma de conectar alunos de universidades americanas. O site de rede social funciona através de perfis, grupos e *fanpages*. Para fazer parte da rede, o indivíduo deve criar um perfil, a partir do cadastro de um endereço de e-mail válido, onde pode adicionar seu nome, foto, relações familiares, status de relacionamento e local onde trabalha e estuda. Os usuários podem adicionar uns aos outros na sua lista de amigos e, dentro desta lista, classificar de acordo com a relação entre eles, como colegas de trabalho ou colegas de faculdade. Além disso, podem interagir através dos comentários, mensagens e no bate-papo online. A partir destas listas é possível

selecionar com quem se compartilha cada tipo de conteúdo. Todos usuários da rede podem compartilhar fotos, vídeos ou textos com sua rede e comentar nas publicações de outras pessoas.

As *fanpages* são destinadas a empresas, bandas e outras instituições e possuem basicamente as mesmas funcionalidades que um perfil de usuário comum, mas ao invés de amigos, uma página tem opções ‘curtir’. As empresas tem ainda a oportunidade de promover seus anúncios na rede, selecionando seu público alvo para que a publicação apareça na página inicial destes. O botão ‘curtir’ faz com que usuários possam indicar que gostaram de determinados conteúdos postados por pessoas ou instituições. Cada perfil de usuário ou *fanpage* pode criar um evento e convidar pessoas para participarem, descrevendo na página o dia, horário e outras informações. Em 2007, o Facebook abriu a possibilidade de que aplicativos fossem desenvolvidos com seus recursos internos permitindo que usuários possam acrescentar jogos e outras funcionalidades no seu perfil.

Atualmente, o Facebook conta com mais de 1 bilhão de usuários ativos, segundo página do UOL⁷. A maior parte localiza-se nos Estados Unidos, seguido do Canadá e Reino Unido. No Brasil, são 67 milhões de usuários em 2013, um aumento de 458% em relação a 2011. A empresa Track Social⁸ realizou em 2012 uma pesquisa para descobrir que tipo de conteúdo gera mais replicação no Facebook, ou seja, se comentários, opções curtir ou compartilhamentos. O resultado foi que os conteúdos mais replicados são as fotos, seguidas pelas enquetes, status, vídeos e links. Também foi percebido que este é o tipo de conteúdo mais postado pelas marcas presentes na rede. Isto porque este tipo de conteúdo se adapta ao ritmo dos usuários do Facebook que procura uma informação rápida, relevante e de fácil compreensão. Uma vez que este trabalho procura compreender o tipo de conteúdo que gera um maior compartilhamento em causas de mobilização social, procuraremos entender se, nestes casos, os usuários também se comportam desta forma.

2.4 As redes sociais na internet e a web 2.0

As redes sociais na internet, de acordo com tudo que foi trazido, são os exemplos das ferramentas participativas da web 2.0. Nestes espaços, os usuários podem desenvolver seus

⁷ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/album/2012/08/03/maior-rede-social-do-mundo-facebook-tem-numeros-estratosfericos-conheca.htm#fotoNav=2> - Acesso em 20/03/2013.

⁸ Disponível em: http://tracksocial.com/article_methodology-tracksocial - Acesso em 20/03/2013.

próprios conteúdos, replicar conteúdos de outros usuários acrescentando sua opinião e compartilhar tudo que estiver disponibilizado online. Assim, passamos para uma fase de excesso de informação e conteúdos publicados, sem uma validação que ocorria com os processos de produção de conteúdo anteriormente. A natureza da web permite que vídeos, textos e fotos sejam publicados de maneira ágil e fácil, permitindo que conteúdos que não tinham chance de repercutir anteriormente, tenham sua visibilidade. A esse fenômeno, Chris Anderson (2006) deu o nome de cauda longa, e afirmou que a procura por opções menos populares na internet (de nichos específicos) gera uma maior procura do que os produtos mais populares. O autor traz o exemplo de vendas físicas de CDs no Walmart, onde os 200 principais álbuns (hits) correspondem a 90% das vendas da loja. Neste sentido, só é mantido em estoque o que se espera uma quantidade mínima de vendas. Para comparar, traz um gráfico de 2005 da Rhapsody, que vende faixas online, e mostra que mais de 28 milhões de downloads das opções menos populares são feitos mensalmente. Resumindo, nenhuma das músicas tem extrema popularidade, mas elas são tantas que em conjunto compõe um mercado significativo.

A partir do autor, compreende-se, por exemplo, que em vendas físicas nas lojas sempre foi necessário selecionar, em função do espaço e das tendências de mercado, que tipo de produto seria vendido. Na internet, combinamos “espaço infinito nas prateleiras com informações em tempo real sobre tendências de compra” (ANDERSON, 2006, p.11). A internet propicia que as pessoas se afastem dos caminhos mais conhecidos e conheçam suas próprias preferências a partir de uma escolha própria, longe das imposições da mídia. Antes do surgimento da web 2.0, a indústria do entretenimento estava baseada na produção de hits consumidos por grande parte da população. Com as novas possibilidades de interação e visibilidade, a indústria do século XXI irá se concentrar, de acordo com Anderson (2006) em nichos. Passamos de uma fase de escassez para o mundo da abundância.

Assim sendo, pode-se pensar que nunca houve uma oferta tão grande de conteúdos, o que pode ser atribuído ao fato de que todos podem ser produtores. De acordo com Castells (2003), a internet tem a natureza revolucionária, pois a organização dos fatos e o controle da informação não é mais vertical. O autor atenta que na web 2.0 existe uma tomada de decisão coordenada, onde todos tem oportunidade de construir conteúdo. Além disso, o autor coloca alguns valores associados a esta nova fase. A liberdade de expressão de muitos para muitos foi possibilitada com o surgimento da internet e tornou-se ainda mais realista com a web 2.0. O segundo valor proposto

é a formação autônoma de rede e diz respeito ao fato de que qualquer ator social pode encontrar sua própria destinação dentre as inúmeras possibilidades da internet. Assim sendo, a geração de conhecimento e o processamento de informações são as fontes de valor e poder na era atual.

Além da produzir conteúdo e informação, os usuários moldam a forma como a internet funciona em razão da facilidade de dar um *feedback* para os criadores de uma rede, por exemplo, e da flexibilidade da tecnologia. Essa flexibilidade associada à navegabilidade e à facilidade de acesso, são fundamentais para a inauguração da fase da web 2.0. As pessoas se conectam com muita frequência pela possibilidade de serem produtoras de conteúdos, mas também pelo fato de outros indivíduos estarem conectados criando e compartilhando conteúdo. Nos ambientes de mídias tradicionais como a televisão e o rádio, existe uma competição de mercado entre empresas e profissionais. Esta competição parte de uma visão economicista de que não há espaço no mercado para todos. No novo ambiente das mídias digitais, de acordo com Shirky (2011), a competição é colaborativa a fim de expandir o fazer, transformando os usuários em embaixadores de ideias. Cada compartilhamento é feito com o intuito de propagar a ideia e ações similares feitas por outras pessoas não são vistas como ameaças, mas sim como outras oportunidades de visibilidade.

Neste cenário, contextualiza-se o ciberespaço, um espaço virtual não físico onde circulam todos estes conteúdos produzidos e onde os atores sociais interagem. Neste sentido, Lemos (2010) atenta que este espaço não é desconectado da realidade, mas sim a torna mais complexa. Seria uma espécie de consciência humana digitalizada, onde circulam diversos dados produzidos pela humanidade, formando uma consciência coletiva. O ciberespaço complexifica a vida offline na medida em que incorpora novas formas de visibilidade, sociabilidade e é também influenciado pelo comportamento fora da rede. São as pessoas que definem a forma como o ciberespaço será formado e utilizado, uma vez que as redes fornecem o suporte tecnológico mas as apropriações são humanas. De acordo com Castells (2003), nossas práticas sociais são baseadas em comunicação e a internet transforma o modo como comunicamos, afetando profundamente nossas vidas ao mesmo tempo em que afetamos a construção deste ciberespaço.

Foi o surgimento da web 2.0 que propiciou o aparecimento das primeiras redes sociais na internet. Isto está atrelado ao fato de que, com a web 1.0 e a falta de acesso à internet banda larga, não era possível a formação de uma rede social online, pois os indivíduos precisam estar constantemente conectados para uma rede realmente florescer. O Firely, foi uma rede social

desenvolvida em 1996, onde os usuários podiam recomendar artistas e músicas via e-mail, que não se popularizou em função destas questões. Já em 2003, com a web 2.0 e a banda larga começando a se disseminar, o Friendster foi criado, prosperou e acabou por influenciar diversas redes que se seguiram. O site permite que pessoas possam se conectar umas às outras através de solicitações de amizades e conhecer amigos de seus amigos. A rede ainda é muito utilizada na Ásia, principalmente entre o público gay⁹. No ritmo do sucesso do Friendster, surgiu o MySpace, em 2004, uma rede social onde os usuários criam perfis, adicionam músicas e criam um blog para postar conteúdos. O Orkut foi criado no mesmo ano e se destacou como uma rede social muito popular em países emergentes como Brasil e Índia.

Os blogs tiveram início nos anos 1990 com os diários online, onde as pessoas podiam manter informações constantes sobre suas vidas. A publicação era feita no próprio código da página e com a evolução das ferramentas, a postagem foi facilitada e o número de blogs aumentou consideravelmente. Hoje estima-se que existem 112 milhões de blogs e que 120 mil sejam criados diariamente¹⁰. Atualmente, os principais sites de redes sociais na internet são o LinkedIn, Twitter, Facebook e Youtube. O que estes sites de redes sociais atuais tem em comum é a possibilidade de compartilhar em tempo real informações e conteúdos. O LinkedIn se apresenta como uma rede de contatos profissionais onde os usuários podem adicionar sua formação acadêmica e criar ligações com empresas e outros profissionais. O Twitter surgiu em 2006 como um site de rede social de microblog que permite que os usuários enviem textos de até 140 caracteres, chamados de *tweets*, e compartilhem com seus seguidores. Os usuários também podem falar sobre determinado assunto, usando a *hashtag* (#), que poderá ser buscada por outros atores da rede. Por fim, o Youtube configura-se para compartilhamento de vídeos, onde os usuários podem colocar vídeos na rede, comentar outros conteúdos e criar o seu canal.

A partir do momento da popularização da banda larga de acesso à internet, a web 2.0 se tornou mais viável e iniciou-se um processo de aplicações online mais participativas. Atualmente, somado a isso, está a popularização dos smartphones. Segundo dados trazidos por Gabriel (2010), os aplicativos de iPhone alcançaram a marca de 1 bilhão em 9 meses, e a tecnologia 3G permite que os usuários estejam conectados o tempo todo gerando ainda mais conteúdo online. Apesar de esta não ser a realidade em todas as partes do mundo, uma vez que o acesso às tecnologias é

⁹ Disponível em: <http://www.webdesignerdepot.com/2009/10/the-history-and-evolution-of-social-media/> - Acesso em 04/04/2013.

¹⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog#Origens> - Acesso em 04/04/2013.

desigual, cada vez mais pessoas estão conectadas e compartilhando conteúdo e, segundo a autora (GABRIEL, 2010), as redes tendem a se tornar uma realidade ubíqua nos próximos anos.

No presente capítulo analisamos as características das redes sociais offline e a implicação das tecnologias para complexificação das interações e laços sociais. Vimos também como se desenvolve o capital social nas redes off e online, a partir de cada tipo de laço social desenvolvido. Remontamos o surgimento da internet e suas três fases, focando nas possibilidades de participação da web 2.0. Também foram trazidas teorias a respeito da comunicação mediada por computador, os sites de redes sociais e alguns exemplos de redes sociais que se desenvolveram dos anos 1990 até o presente. Procuramos partir de um contexto macro, as redes sociais offline e o capital social, para iniciarmos uma relação com a internet e o modo como as redes sociais online funcionam e atuam na vida dos indivíduos.

3. Mobilização Social offline e a potencialização do engajamento na web. 2.0

Para se pensar as características dos processos de mobilização online, é preciso retomar alguns conceitos de mobilização fora dos sites de redes sociais. Estas considerações procuram elucidar que os processos de mobilização que se iniciam online partem dos mesmos princípios de engajamento offline e da vontade de transformar realidades a partir da autonomia individual e engajamento coletivo. Os conceitos trazidos neste capítulo apontam para o fato que a mobilização deve conectar indivíduos por uma causa comum, da mesma forma que ocorre com a mobilização nos sites de redes sociais. Porém, para que possamos compreender a forma como estas mobilizações online, que lutam pela mudança das cidades, engajam usuários, é preciso remontar alguns períodos históricos de mobilização brasileira. A proposta não é uma análise extensa, mas sim a evidenciação de momentos históricos que geraram grande mobilização popular.

Por fim, serão trazidas questões da mobilização na web 2.0 abordando os motivos pelos quais as pessoas participam dos movimentos, a partir de uma relação com os conceitos trazidos no capítulo anterior. Também serão desdobradas as características da web 2.0 que potencializam a participação em movimentos sociais.

3.1 Considerações sobre mobilização social

Toro e Werneck (1996)¹¹ afirmam que a mobilização é um processo de convocação de vontades para uma mudança de realidade, através de propósitos comuns que são estabelecidos em

¹¹ Disponível em: http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/mobilizacao_social.pdf - Acesso em 30/04/2013.

consenso. Esta convocação tem por objetivo transformar realidades, porém, os autores atentam que isto não retira a função social atribuída ao Estado. Implica apenas em dizer que a própria sociedade pode gerar meios para propor e solucionar questões que o Estado não está sendo capaz de lidar. Por isso, para que uma mobilização possa ocorrer e convocar a vontade de muitos indivíduos, devem haver valores ou visões de mundo similares entre eles, sem que todas as pessoas necessariamente sejam afetadas diretamente pelo mesmo problema social. Esta união que ocorre para solucionar, ou no mínimo dialogar sobre uma causa, gera um sentido comum que é compartilhado por aquela coletividade.

Assim sendo, a participação dos indivíduos é fundamental para que um projeto/iniciativa de mobilização social atinja seus objetivos. Toda mobilização é feita para gerar e manter vínculos entre os indivíduos, atribuindo uma importância a cada participante como fundamental para o sucesso do todo. De acordo com Henriques (2004), uma questão fundamental que se defrontam os movimentos sociais é a necessidade de manter os sujeitos envolvidos, motivados e interessados na causa. Esta ligação só ocorre quando há uma profunda conexão por parte do sujeito sobre o valor da causa e a manifestação de que há uma coerência de ações no decorrer do movimento. Para isso, Henriques (2004) afirma que a comunicação no movimento deve ser aberta, de forma que os próprios sujeitos possam pensar e concretizar as ações. Assim, são estabelecidos elos de ligação que geram mobilização e mudança de valores dentro de um grupo social. A mobilização, então, é um processo amplo que não depende da simples difusão de informações, embora a visibilidade e divulgação possam ser fatores diferenciais.

Toro e Werneck (1996) frisam que a participação na mobilização é um ato de escolha individual. Para os autores:

Participar ou não de um processo de mobilização social é um ato de escolha. Por isso se diz convocar, porque a participação é um ato de liberdade. As pessoas são chamadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não como responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças. (TORO, WERNECK; 1996, p.5)

Além do lado emocional de identificação com uma causa, a mobilização é também um ato que normalmente tem um objetivo pré-definido, um propósito comum coletivo que se orienta para construir um projeto futuro para aquela comunidade. Neste sentido, a mobilização produz resultados cotidianamente e é entendida como um processo, não uma ação isolada. Esta proposta

da mobilização como um processo contínuo também pode ser aplicada à democracia, que pode ser entendida como uma ordem construída por determinada sociedade. Assim sendo, não existe um modelo ideal, apenas modelos de aprendizagem que podem ser utilizados como referência de uma sociedade para outra.

A disponibilização e circulação de informações legitima a ação das pessoas nos grupos, pois dá um sentido de continuidade e coerência das iniciativas de determinado movimento. É fundamental que exista um fluxo comunicativo onde se possa enxergar a trajetória do movimento e suas conquistas. Em cada época, este fluxo se adapta à realidade dos meios existentes, podendo ser realizado via distribuição de material impresso, rádio, televisão e, mais recentemente, pelos sites de redes sociais. A questão é que deve haver disponibilidade da memória do movimento para que os indivíduos possam criar uma ligação profunda com a causa. Esta memória pode ser compreendida como uma interpretação de sentidos que é compartilhada com todos envolvidos no movimento. Para Toro e Werneck (1996) o processo de mobilização exige ações de comunicação por prescindir de compartilhamento de discurso, visões e informações. Ainda segundo os autores, “o que dá estabilidade a um processo de mobilização social é saber que o que eu faço e decido, em meu campo de atuação cotidiana, está sendo feito e decidido por outros, em seus próprios campos de atuação, com os mesmos propósitos e sentidos” (TORO, WERNECK; 1996, p. 5).

Henriques (2004) parte de uma visão de rede compreendendo os movimentos como uma ampla rede de pessoas, grupos e instituições mobilizadas para uma causa comum e que tem um sentimento de corresponsabilidade entre seus membros. Nesta coletividade, há sempre uma possibilidade de incorporação de novos membros e mobilidade do centro de liderança. Castells (1999 *apud* Henriques, 2004) traz alguns conceitos básicos para um movimento social ser identificado como tal. Para ele todo movimento tem identidade e se auto define a partir de suas práticas, valores e discursos. Há também a presença de um adversário que faz com que a identidade se construa pela afirmação de diferença com este primeiro. Por último, existe a definição de uma meta societal que é entendida como a visão do movimento sobre o tipo de ordem social almejada e planejada pela ação coletiva que está sendo promovida. A criação desta identidade de grupo não exclui a possibilidade de que as pessoas assumam outras identidades sob perspectivas individuais.

Bernardo Toro (2006)¹², falando sobre mobilização social, argumenta que a inserção na sociedade acontece quando pertencemos a organizações que visem propósitos e metas que beneficiem outras pessoas. De acordo com o teórico, a inserção na sociedade não se dá somente pelo poder aquisitivo, mas sim pelo pertencimento em diversas organizações. Isto porque a participação em grupos dá a oportunidade de formar diversos vínculos e atingir metas em comum. Assim, participar de diversos movimentos sociais e se mobilizar com causas é uma maneira dos indivíduos pertencerem plenamente a uma sociedade. Outra questão trazida por Toro (2006) é de que não se transforma uma sociedade que não se conhece a história e a cultura. Isto converge com o pensamento já trazido de Henriques (2004), que afirma a necessidade da memória de um movimento social para que os indivíduos possam saber o surgimento de uma iniciativa, seus rumos e para onde ela pretende ir.

Toro (2006) afirma que o segredo dos jovens em qualquer sociedade é aprender a se organizar. Essa organização deve vir aliada de um desejo de se conhecer profundamente o ambiente que se está pretendendo transformar. De acordo com o autor, este conhecimento é muito importante pois assim há uma compreensão de todos setores da sociedade, tendo em vista que as realidades só se transformam efetivamente quando há uma convergência de interesses. Para o teórico, isto é a essência da formação política que procura encontrar as melhores maneiras para atingir um bem comum. A respeito da participação nos movimentos sociais, Toro (2006) atenta que todos devem ter um grande conhecimento de si mesmos, isto é, devem ter autonomia. Esta autonomia é atingida com um trabalho de autoconhecimento, com um trabalho em conjunto e com um trabalho de autorregulação. Este último diz respeito a aprender a orientar a própria existência para então participar de projetos com outros indivíduos, sempre solucionando conflitos através do diálogo. Por fim, o teórico afirma que a solidariedade, valor que muitas vezes está atrelado aos conceitos de mobilização social, consiste em aprender a buscar objetivos e metas que beneficiem outras pessoas.

3.2 Breve Contextualização acerca do ativismo político no Brasil

Esta contextualização histórica do ativismo político no Brasil não se propõe em ser extensa e analítica, de modo que isto demandaria um trabalho específico, diante de um tema tão

¹² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=lfSdY-9Fo4g> - Acesso em: 30/04/2013.

profundo. Nossa intenção é procurar apontar alguns fatos de mobilização para que se possa compreender os rumos da articulação da mobilização nos sites de redes sociais hoje. Em função da ação analisada no presente trabalho ser protagonizada em sua maioria por jovens entre 18 e 24 anos¹³, iremos começar esta contextualização com a participação política da juventude em determinados momentos históricos. Rabat (2002)¹⁴ aponta que os jovens encontram-se particularmente propensos à mobilização social e política por estarem em um momento da vida de relativa distância de hierarquias sociais. Além disso, encontram-se em um momento de definição pessoal, abertos a várias alternativas. Existe também uma expectativa da sociedade de que os jovens se mobilizem, pois é através deles que se renovam os padrões sociais. Rabat (2002) traz uma série de movimentos sociais ocorridos em território brasileiro para elucidar a participação da juventude. O autor atenta que os movimentos tendem à grande relevância quando articulam um grande número de pessoas. Nos primórdios da história brasileira a mobilização foi dificultada pela distância e isolamento entre as regiões do país.

Como exemplos, primeiramente, remonta-se aos tempos do abolicionismo que teve em Castro Alves, um jovem que morreu aos 24 anos, uma de suas maiores representações. Para Rabat (2002) foi o apoio dos jovens dos meios universitário e militar que propiciou um real diálogo uma posterior mudança no tema. Já o movimento tenentista, que ocorreu no início da década de 1920, surgiu de um grupo de jovens militares de baixa e média patente do Exército Brasileiro que propunham uma reforma na estrutura de poder do país e na educação pública. Na década da 1930 o movimento estudantil ganhou forças com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), propiciou um ponto de contato entre estudantes de diversas instituições do país. O autor (2002, p. 6), afirma que “a UNE ganha força e notoriedade quando passa a atuar decididamente na campanha contra o Eixo fascista da Segunda Guerra Mundial e contra a ditadura estadonovista”. Com a queda do regime democrático, no ano de 1964, muitos estudantes passam a lutar contra a ditadura no Brasil. De acordo com o autor (2002), 30% dos membros processos da esquerda armada eram estudantes até 25 anos.

¹³ Esta faixa etária foi identificada como sendo a mais representativa da *fanpage* pelos próprios criadores da página através de uma mensagem enviada pela autora deste trabalho para a página no dia 01/05/2013.

¹⁴ Disponível em:

http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1372/participacao_juventude_rabat.pdf?sequence=1 - Acesso em 29/04/2013.

A respeito da ditadura militar, em particular o ano de 1968, Antunes e Ridenti (2006)¹⁵, falam sobre a participação dos movimentos operários e estudantis na luta contra o regime autoritário. Neste ano, o clima de mobilização ocorria em diversos países do mundo como na França, com o movimento de Maio de 68 e nos Estados Unidos, nas manifestações contra a guerra do Vietnã. Para os autores, o clima de engajamento político nos chamados países de Terceiro Mundo tinham relações entre si da seguinte forma:

Em diferentes medidas, havia similaridade em condições como a industrialização avançada, a crescente urbanização e a consolidação de modos de vida e cultura das metrópoles, a massificação dada pela indústria cultural, o aumento do proletariado e das classes médias assalariadas, a importância dos jovens na composição etária da população, o acesso crescente ao ensino superior, além da incapacidade do poder constituído para representar sociedades que se renovavam. (ANTUNES, RIDENTI; 2006, pg. 80).

O movimento estudantil reivindicava o ensino público e gratuito para todos, além de fazer contestação contra a ditadura implantada no golpe de 1964 e as limitações das liberdades democráticas. O movimento tomava as universidades e os estudantes se mobilizavam cada vez mais por uma causa comum, o retorno da participação democrática da sociedade. De acordo com Antunes e Ridenti (2006), o primeiro grande conflito do ano de 1968 ocorreu quando a polícia invadiu o restaurante Calabouço e matou um estudante. Diversas passeatas de protesto foram organizadas e espalharam-se rapidamente pelo país. Em junho daquele ano, ocorreu o ápice dos movimentos de 1968, tornando-se cada vez mais comum passeatas, greves e ocupações de instituições educacionais. No dia 19 daquele mês, mais de cem pessoas foram presas no enfrentamento com a polícia, cena que foi repetida no dia 21. No dia 26, aconteceu a Passeata dos Cem Mil onde estudantes, artistas e sociedade em geral se mobilizaram para protestar contra a ditadura militar. O Congresso da União Nacional dos Estudantes foi fechado em outubro daquele ano e vários estudantes acabaram por enfrentar a ditadura na revolta armada que se expandiu nos anos seguintes.

Cabe aqui também pontuar a participação do movimento operário nas manifestações contra as condições impostas pela ditadura. Para Antunes e Ridenti (2006), as greves operárias de 1968 tinham um sentido de confronto em relação à ditadura militar, que tirava a liberdade dos

¹⁵ Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3319/2719> - Acesso em 29/04/2013.

sindicatos e superexplorava o trabalho. Foi uma resposta dos trabalhadores ao golpe de 1964 que declarou a ilegalidade dos partidos políticos brasileiros, a proibição das greves e ilegalidade da Central Geral dos Trabalhadores e da União Nacional dos Estudantes. Em 1968, a luta operária ganhou força com a liderança de uma greve na cidade de Contagem - que teve resultados positivos com concessões trabalhistas por parte do governo militar. No mês de julho daquele ano, a greve realizada em Osasco foi duramente reprimida com o exílio de líderes sindicais e a intervenção das forças militares nas entradas e saídas da cidade. A cidade de Contagem realizou nova greve em outubro daquele ano e acabou também duramente reprimida pelo governo.

O próximo e último momento histórico que será abordado aqui é o movimento das Diretas Já, que se caracterizou como uma mobilização para as eleições diretas, ocorrido entre 1983 e 1984, depois de um longo período de ditadura militar. O primeiro protesto aconteceu em um município de Pernambuco em 1983 e foi seguido por manifestações em outras cidades que comprovavam o descontentamento da população com as eleições indiretas. Assis (2009)¹⁶, afirma que os anos 80 foram uma época em que a sociedade civil reivindicou seus direitos através de tomada das ruas. Houve a participação coletiva de praticamente todos os setores da sociedade que saíram do seu lugar de conforto para exigir melhores condições de vida. Pessoas comuns tornaram-se protagonistas políticos e tiveram seus momentos coletivos registrados pela grande imprensa que não podia mais ignorar as proporções que o movimento estava tomando. Assis (2009) elucida um momento de um discurso proferido no Comício das Diretas Já, no Rio de Janeiro, que reuniu mais de um milhão de pessoas em frente a Igreja da Candelária. O advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto subiu ao palanque para afirmar que o movimento das diretas já não era contra ninguém e sim a favor do povo. Este trecho elucida, segundo o autor (2009), a imensa participação popular que reuniu diversas pessoas em favor de mesma causa.

3.3 Web 2.0 e a potencialização da participação Social

Antoun (2008), afirma que houve uma mudança na comunicação e nos negócios a partir do surgimento de um grupo auto organizado e participativo: as redes sociais na internet. No mundo mercadológico, o consumidor tornou-se um usuário cada vez mais exigente, capaz de interagir e se comunicar através da internet. Ao contrário dos outros processos comunicativos, o

¹⁶ Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0492.pdf> - Acesso em: 30/04/2013.

público na web se abastece da sua própria participação em uma comunicação distribuída. Ou seja, a web 2.0, tem sua maior significação no campo social. O autor exemplifica que em 2003 os movimentos contra a guerra do Iraque tiveram sua primeira manifestação internacional, através de um blog. Assim sendo, a web 2.0 é uma nova forma de organizar a revolução democrática das multidões. Para o autor (2008), a internet propicia que as poucas vozes dissonantes das opiniões dos grandes meios de comunicação possam se fazer ouvir. É a própria interação entre os membros de uma rede social que a constitui, fazendo circular informações para uma comunidade que age coletivamente e acaba por gerar capital social. Neste sentido, Malini (2008) afirma que a publicação de um conteúdo não é considerada um ponto final e sim um ponto de partida para uma conversação entre os usuários.

Shirky (2011) contribui para este ponto de vista afirmando que o surgimento da internet não modificou disposições humanas, mas sim deu oportunidade para que elas se realizassem mais intensamente. Estas motivações dizem respeito à vontade do ser humano de compartilhar em rede e realizar ações com um propósito comum. Há cerca de 50 anos, existia este mesmo desejo, porém, era mais difícil que as pessoas se reunissem em torno de uma causa e até mesmo tomassem conhecimento em função dos suportes tecnológicos existentes. Shirky (2011) afirma que uma das consequências da pós-revolução industrial foi o tempo livre, uma vez que as pessoas passaram a ter jornada de oito horas diárias. Este tempo fora do trabalho é chamado de excedente cognitivo e é entendido como o tempo livre de cidadãos escolarizados em todo o mundo. Na era pós-industrial, a televisão foi utilizada por boa parte da população como uma forma de usar este excedente cognitivo. Isto tem a ver com a oportunidade que existia na época, a televisão, que acabou por gerar consequências no comportamento das pessoas e da sociedade como a redução do capital social. Com o aparecimento da internet, surgiu uma nova forma de usar esse excedente cognitivo de milhões de pessoas de forma combinada, gerando conhecimento e capital social. Este excedente cognitivo combinado é o responsável pela criação de plataformas digitais e conteúdo para redes sociais e diz respeito às novas oportunidades que estes meios trouxeram para que as pessoas possam se conectar de maneira mais efetiva. Outra transformação importante na era atual é que o excedente cognitivo passa a não acontecer apenas no horário fora de trabalho. As redes sociais foram incorporadas no cotidiano de maneira que mesmo em horário de trabalho e outras atividades, as pessoas acessam suas redes como uma forma de se manter sempre conectado, gerando um enorme fluxo de informação.

Pode-se pensar que a formação de comunidades virtuais tem no celular uma importante ferramenta. Isto porque o aparelho agrega a produção de conteúdo online ainda mais mobilidade e instantaneidade e é entendido, de acordo com Lemos (2008), como um aparelho de convergência midiática. Uma vez que é uma das formas mais utilizadas de se conectar e interagir com conteúdos nas redes sociais, cabe trazer aqui algumas considerações sobre o seu uso na relação com a web. Lemos (2008), diz que os celulares colocam em jogo a relação das pessoas com a apropriação do espaço público, constituindo-se como uma ferramenta de reconhecimento entre os usuários nas cidades. Os vídeos e fotos feitos em celulares tem uma diferença fundamental em relação aos filmes e vídeos de câmeras portáteis. Devido a características do dispositivo, o conteúdo é portátil, móvel, instantâneo e conecta pessoas em redes. Por isso, Lemos (2008) afirma, não é cinema e nem foto e sim a reconfiguração do cinema e a remediação da fotografia. Não só na forma como os materiais são produzidos, existe uma grande diferença também na apropriação dos usuários que fazem do celular uma forma de se conectar com outros indivíduos através de situações do cotidiano. Muito mais do que fazer arte (com algumas exceções), os indivíduos que usam o celular com ferramenta web, o utilizam para a sociabilidade e o consumo de imagens e vídeos se concretiza na circulação do material na rede para reforçar laços sociais.

Uma outra mudança importante na junção dos sites de redes sociais e celulares é que todos nos tornamos testemunhas virtuais que podem presenciar um acontecimento banal ou um fato histórico a qualquer momento. Essas novas possibilidades acabaram por provocar mudanças consideráveis na forma como os indivíduos apreendem a realidade. Neste sentido, Pereira (2008) reafirma esta visão de que os aparatos culturais existentes são variáveis decisivas na forma de compreensão da realidade. Características das mídias atuais como mobilidade, portabilidade, usabilidade e rapidez se tornaram valores atuantes na vida cotidiana, fazendo uma reconfiguração na forma como as pessoas socializam e na forma como nos relacionamos com o mundo.

O grande número de informações que circula na web, é a matéria prima que gera uma imensa quantidade de dados que podem ser considerados, de acordo com Antoun (2008), a riqueza dos sites. Um perfil rico em informações nas redes sociais, por exemplo, é capaz de criar novos padrões de ligações entre informações que antes eram desconexas. Esta conexão de dados pode formar instantaneamente grupos em uma multidão qualquer, tornando-a interativa. Dessa

forma, as informações são disseminadas de muitos para muitos, quebrando o paradigma de que a produção de massa exprime o gosto e desejo geral.

Esta participação coletiva nas comunidades virtuais tem gerado, de acordo com Levy (2002 apud Costa 2005), a formação de inteligência coletiva fazendo os indivíduos recorrerem ao grupo para compartilhar conhecimento. Isto porque as comunidades virtuais ajudam as pessoas a lidar com o excesso de informação, funcionando como um filtro que faz ligações entre fatos e propõe um ponto de vista sobre determinado assunto. Levy (2002 apud costa 2005) afirma ainda que uma rede que une muitas pessoas interessadas pelo mesmo tema é muito eficiente para disseminar conhecimento, pois agrega diversas opiniões sobre um mesmo assunto. Assim, a inteligência coletiva é o produto da cooperação entre muitas pessoas que é construída e disponibilizada em uma rede, aumentando a riqueza cognitiva das comunidades virtuais. Costa (2005), elucida que os indivíduos percebem de forma mais clara a inteligência coletiva de um grupo quando ocorrem situações de interação social que demonstram uma ligação de interdependência entre as ações de diversos indivíduos, a colaboração. Essa formação de comunidades em rede trouxe uma nova ideia do conceito que antes era atrelado a fatores como vizinhança e parentesco. Atualmente, lidamos com grupos que se associam de forma mais complexa dentro de sites de redes sociais e que seguem padrões variáveis. Isto porque a internet trouxe a possibilidade de um indivíduo se mover entre diversas redes de forma fácil e rápida, participando de diversos grupos, em diversos contextos e redes.

Segundo Shriky (2011), uma das características das redes sociais que oportunizam o engajamento é o fato de elas serem construídas pelos próprios usuários e adquirirem características conforme o uso feito a partir delas. Em uma ação social iniciada no mundo online, existe um criador, isto é, alguém que teve a ideia da ação e se propõe a ser o primeiro a divulgá-la em rede. Porém, na internet, os papéis de criador e usuários acabam por ser combinados e todos podem participar da estruturação da ação de alguma forma. Por mais que o controle das postagens da página oficial no Facebook, por exemplo, seja feita pelo criador, ele só adquire relevância social quando muitas pessoas curtem e compartilham o conteúdo. Dessa forma, a construção do capital social é feita por todos os participantes, o que leva as pessoas a se sentirem parte fundamental da ação e optarem por se mobilizar em rede. Os próprios rumos da ação são também construídos neste ambiente social, uma vez que somente o que está gerando mobilização e engajamento tem continuidade e é replicado em outros espaços.

A internet modificou também a questão da mediação na produção de conteúdos uma vez que potencializa a possibilidade de todos poderem produzir informações e publicar na rede sem um filtro (ao menos no período inicial). Porém, conforme já foi dito, Malini (2008) atenta para o fato de que qualquer pessoa poder ser uma produtora só se torna significativo se outras pessoas estiverem no mesmo ciberespaço para apreciar as produções. Esta mudança no acesso à produção também implica que cada um, ou cada perfil, é responsável por seu objeto publicado. Sem a mediação característica dos meios de massa, os próprios usuários são responsáveis por construir a sua reputação e gerar visibilidade para suas ações. Por isso, Malini (2008) afirma que até mesmo a construção da imagem é um bem coletivo na web.

Shirky (2011) divide as motivações humanas em intrínsecas e extrínsecas. As primeiras são quando encontramos prazer na atividade em si e a segunda quando precisamos de recompensas externas, como um pagamento. As motivações na própria atividade se referem ao nosso desejo de autonomia e de ser bom naquilo que se faz. Quando obtemos isso com uma atividade, o próprio ato de fazer compensa o esforço. Para o autor (2011), quando criamos algo, mesmo que seja de qualidade inferior a outra produção, ela tem mais valor por ter sido uma criação própria. A internet propicia que todos possam desenvolver conteúdos para serem compartilhados e essa possibilidade é a motivação intrínseca para que as pessoas produzam sem receber pagamento. A motivação de fazer parte de um movimento onde se tem voz e opinião é o fator motivador, isto é, fator de mobilização para o engajamento, em uma ação social online. Por mais que o usuário não tenha criado a proposta, é a partir da sua participação com comentários, compartilhamentos e curtidas que o movimento ganha relevância social e mais visibilidade. Logo, pode-se dizer que os sites de redes sociais auxiliam a suprir o desejo humano de participar e ser autônomo naquilo que se faz. O fluxo de comunicação em rede faz com que uma pessoa seja socialmente respeitada no meio quando realizam tarefas. Assim, o desejo individual de aceitação e reconhecimento passa a ser também atendido com a participação online em uma causa.

Pensando nos meios online, as redes sociais propiciam a participação de um mesmo indivíduo em diversos grupos diferentes com metas e objetivos distintos. Essa união com outros usuários, pela teoria de Toro (2006), propicia a inserção dos indivíduos na sociedade, uma vez que estes passam a fazer parte de grupos maiores. Essa inserção também se dá pelo conhecimento da sociedade e de questões sociais, por parte do usuário, que passa a ser inserido na sua comunidade uma vez que conhece a história. Uma vez que a participação implica em inserção na

sociedade, a mobilização e engajamento online são vistos pelos participantes como uma forma de se tornar ativo nas decisões sociais, indo ao encontro de seu desejo por autonomia. Neste mesmo sentido, a internet propicia o conhecimento de realidades de outros países, fazendo com que tomemos conhecimento de ações realizadas em outras partes do mundo. Parte-se da hipótese de que as ações sociais de engajamento online ao redor do mundo se retroalimentam, uma vez que a existência e sucesso de um estimula o surgimento de outra - que pode trazer dados importantes para a ação que se inspirou. Shirky (2011) atenta para o fato de que os indivíduos aceitam as regras de um grupo quando a recompensa é maior do que o sacrifício. No caso de ações online, a vontade de participação e a autonomia causada pelo envolvimento individual e coletivo se apresenta como um bem maior que faz com que os usuários se adaptem à cultura do grupo.

De acordo com Shirky (2011), um grupo colaborativo é dividido em grupo central e grupo periférico. O primeiro é formado por aquelas pessoas que participam e interagem com regularidade. O grupo estendido, ou periférico, dissemina as ideias que surgem do núcleo. Este segundo grupo é de importância fundamental para que uma ação ganhe respaldo social e visibilidade. Sem a presença periférica de milhares de pessoas, ações sociais não tomariam a proporção que tomam, uma vez que o governo e a sociedade ficam atentos para a opinião de um grande número de pessoas. Segundo o autor (2011), conforme já explicado, as pessoas tem um desejo de serem solidárias e agora tem a oportunidade de ser. Outra questão que desperta a solidariedade é o fato de ações de mobilização não serem orientadas para o mercado. Parte-se da hipótese de que existe uma cultura no grupo de que todos estão disponibilizando seu tempo e conhecimento pela mesma causa sem retorno financeiro. Isto faz com que não exista a competitividade e todos trabalhem de forma colaborativa.

Shirky (2011) atenta que toda interação social tem riscos e uma forma de fazer as pessoas aceitarem isto é aumentando as recompensas. Se pessoas suficientes se juntarem e mostrarem para as outras que o grupo formado vale a pena, irão encorajar cada vez mais pessoas a se mobilizarem e é a essa retroalimentação que aumenta o valor do capital social disponível. Existe também um alto grau de comprometimento emocional ao passo que as pessoas se juntam na causa porque acreditam em seus propósitos e ideologias. Esse comprometimento é fundamental para se vencer adversidades que surgem no decorrer da ação e é responsável pelo engajamento contínuo da maior parte dos participantes. Isto promove, segundo o autor, uma efetividade enquanto grupo e uma satisfação enquanto pessoa. Esta linha de pensamento vai ao encontro ao

que já foi trazido no presente trabalho com a teoria de Henriques (2004) - que afirma que a comunicação de um movimento deve causar esta identificação para gerar engajamento. O autor faz uma diferenciação entre compartilhamento comum e compartilhamento cívico. A diferença está no valor para participantes e não participantes. Em um compartilhamento comum, o valor gerado no grupo é válido somente para os participantes que interpretam a cultura criada. Quando há geração de valor cívico, existe um valor criado para toda sociedade, uma vez que todos são impactados pelas ações e transformações provocadas. Há ainda o compartilhamento pessoal que gera valor somente como uma consulta de dados. O exemplo disso é uma postagem feita por uma pessoa sobre algum fato do seu cotidiano. A informação é buscável, mas não gera valor para um grupo e para a sociedade.

O comportamento das pessoas em um grupo que gera valor a longo prazo faz com que elas ajam conforme as regras, uma vez que existe uma punição em não fazê-lo. A estrutura e as regras são desenvolvidas pelos próprios participantes e podem funcionar como uma cultura do grupo ou estar escrita nas regras de participação. Estas regras direcionam as pessoas para comportamentos coletivos e estipulam que existe uma punição caso as recomendações não sejam seguidas. Uma vez que existe uma criação de valor social que os usuários querem ter acesso, estes acabam por tolerar as regras, pois a vantagem de ser membro é maior. No que diz respeito ao grupo central, que possui a maior carga de trabalho, este precisa ter algum incentivo para continuar propondo ações sociais que se dá no próprio êxito do projeto, na participação de pessoas e nos resultados observados na sociedade.

Por fim, no que tange à forma como a sociedade vê estas ações sociais, Shirky (2011) afirma que é natural que grupos acostumados com tecnologias anteriores vejam nas novas possibilidades uma ameaça da ordem social. As críticas se associam à suposta efetividade das ações iniciadas na web e uma valorização da forma de ser fazer ativismo pré-internet. Para o autor (SHIRKY, 2011) as ideias novas se disseminam de forma lenta e é preciso que haja uma incorporação destas novas possibilidades na cultura para que toda sociedade compreenda o potencial que a união de pessoas em torno de um objetivo tem.

Pode-se dizer que a web 2.0 e os sites de redes sociais na internet potencializaram a participação e a mobilização em torno de grupos e comunidades. De acordo com Anderson (2006) o computador transformou todos em produtores, mas foi a internet que possibilitou que

todos fossem distribuidores de informação. Primo (2008), atenta que a web 2.0 tem repercussões sociais importantes justamente por potencializar processos de trabalho coletivo e produção de conhecimento na coletividade. Estes resultados conseguem ser atingidos através das interações entre os envolvidos que geram novos laços, capital social através da união para disponibilizar conhecimento. As interações entre os envolvidos, que caracteriza a rede social, não pode ser explicada isolando-se suas partes. Ela é, segundo Primo (2008) um todo complexo que não pode ser previsto com exatidão, apenas ser analisado em seu momento atual.

No presente capítulo vimos conceitos de mobilização social offline, procurando elucidar algumas características que constituem um movimento como sendo de mobilização e os motivos que levam as pessoas a participarem. Depois, foram abordados movimentos sociais brasileiros procurando trazer um breve contexto político de mobilização da sociedade brasileira em torno de causas sociais. Por fim, foram analisados as características participativas da web 2.0 que propiciaram a potencialização da mobilização de indivíduos por causas sociais.

4. Análise da página Defesa Pública da alegria

No presente capítulo serão apresentados os conceitos relacionados aos procedimentos metodológicos utilizados na análise deste trabalho monográfico. Em um primeiro momento faremos um resgate de conceitos do método Análise de Conteúdo a partir de Fonseca (2008). Será também abordado o método de análise de imagem, a partir de Coutinho (2008) e Joly (1996). Por fim, faremos a justificativa da escolha do objeto e do recorte feito. A partir destas escolhas, pretende-se atingir o objetivo do trabalho, a saber, identificar que tipo de conteúdo gera mais mobilização social em movimentos propostos e protagonizados pela sociedade civil a partir de uma fanpage no site de rede social Facebook.

4.1 Análise de conteúdo

Uma das técnicas de procedimento metodológico que será utilizada no presente trabalho é a análise de conteúdo. Fonseca (2008), afirma que “a análise de conteúdo, em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (2008, p. 280). Remontando aos primórdios desta linha de pesquisa, o autor (FONSECA, 2008) a associa ao positivismo, cuja principal característica é a valorização das ciências exatas como portadora de cientificidade. Dessa forma, a análise de conteúdo era compreendida como uma forma linear e metódica de analisar uma base

de dados verificáveis. As primeiras pesquisas que se utilizaram do método, estavam associadas ao florescimento do jornalismo sensacionalista e analisava quantitativamente os periódicos publicados. Foi nos anos 1950, que a análise de conteúdo perdeu sua ênfase excessiva nos métodos quantitativos e passou a considerar-se, também, a inferência como uma maneira de se alcançar os objetivos da pesquisa. A inferência, ou seja, a dedução a partir da lógica, foca a atenção nos mecanismos subjacentes da mensagem e contribuiu, segundo o autor (FONSECA, 2008), para amenizar a herança positivista do método.

No contexto dos métodos de pesquisa em comunicação de massa, “a análise de conteúdo ocupa-se basicamente com análise de mensagens” (FONSECA, 2008, p. 286). Este método, possui características que lhe são próprias e fundamentais, a orientação fundamentalmente empírica e a transferência nas noções habituais de conteúdo. Para Fonseca (2008), existem marcos de referência na análise de conteúdo e elucidamos alguns no presente trabalho que se fazem importantes para a pesquisa que será realizada. Primeiramente, é preciso deixar claro como os dados foram escolhidos, de que fonte foram extraídos e quais foram os critérios de recorte. Neste sentido, o contexto também se faz fundamental e é necessário sua abordagem para que a pesquisa possa ser melhor realizada. Após feito o levantamento deste contexto, o pesquisador deve estabelecer uma relação entre ele e os dados, deixando claro qual é a finalidade (objetivo do trabalho) das inferências que estão sendo realizadas.

4.2 Análise de imagem

Uma vez que no corpus de pesquisa foi identificado a presença de imagens, se tornou relevante utilizar uma técnica que contemplasse as características desta forma de expressão. Para tal, utilizaremos o método de leitura e análise de imagem. Porém, primeiramente, faz-se necessário esclarecer o que será entendido como imagem no presente trabalho. Para Joly (1996), imagem “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (JOLY, 1996, p.13). Isto porque é a fruição da imagem e o momento da percepção de um sujeito que a denomina como tal. Assim, iremos compreender as imagens neste trabalho como um recorte da realidade, as fotografias e também como elementos criados e dispostos de tal forma que constituem imagens. Estes últimos são

caracterizados pelas imagens feitas com softwares que também são chamadas de “novas imagens”, de acordo com Joly (1996).

Coutinho (2008), argumenta que a análise de imagem poderia ser entendida como uma faculdade natural de todo ser humano, uma vez que as imagens são uma das formas mais primordiais de interação entre seres humanos. Porém, para que se possa fazer uma análise qualitativa e científica, é necessário que se atente para alguns aspectos das imagens que tragam interpretações a respeito do seu valor enquanto imagem que comunica. O autor (2008) elucida que as fotografias podem ser interpretadas como um recorte de realidade de determinado momento, que informa ao pesquisador a visão do autor sobre aquele contexto naquele momento específico. Por isso, diferencia a percepção da interpretação. Enquanto a primeira diz respeito a características universais relacionadas a reações do sistema visual, a segunda busca a compreensão de uma imagem visual na sociedade em que está inserida. Para isso, a análise busca identificar uma série de elementos como enquadramento, composição, relação figura/fundo e perspectiva. O primeiro elemento está associado com a escola do produtor da imagem, que optou por determinado enfoque e não outro. A composição elucida quais são os centros de atenção da foto, isto é, ao que foi dado maior ênfase. A relação figura/fundo é a contextualização do foco principal em relação ao ambiente que se insere. Por fim, a perspectiva pode ser entendida como o ângulo de visão em relação ao objeto. A identificação de todos estes elementos leva o pesquisador a compreender quais são os aspectos culturais e ideologias que estão/estavam presentes na produção da imagem. Gaskell e Bauer (2002 *apud* FONSECA, 2008) também trazem uma consideração importante para o método de análise de imagem. Para os autores, a manipulação da imagem visual, mesmo que sutil e oculta, é claramente ideológica. Neste sentido, as imagens produzidas com softwares de manipulação também serão analisadas neste trabalho, porém sob o aspecto ideológico, procurando compreender quais as intenções do autor ao produzir.

A respeito da constituição do corpus de pesquisa, Fonseca (2008) aponta para algumas regras que devem ser seguidas para que a pesquisa seja bem fundamentada. Em um primeiro momento, todos os documentos relativos ao assunto devem ser considerados, para então se fazer um recorte. Os documentos obtidos, que serão utilizados para inferência devem ser da mesma natureza, podendo ser de categorias diferentes. O autor atenta a importância da categorização para a análise e a entende como um “trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de

registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade (Fonseca, 2008, p. 298).

4.3 Definição do corpus de pesquisa e recortes a partir do objeto

Conceituadas as metodologias utilizadas, traremos agora a forma como se dará o presente trabalho. Primeiramente, foi feita a escolha de uma *fanpage* no Facebook que fosse relevante para o tema em questão, ou seja, o engajamento e a mobilização neste site de rede social. Escolhemos a página “Defesa Pública da Alegria”¹⁷ por entender que ela agrega informações das diversas manifestações ocorridas na cidade de Porto Alegre neste primeiro semestre de 2013. A página foi criada no dia 04 de outubro de 2012, com o intuito de reunir pessoas que defendem, conforme a descrição da página, a alegria como um princípio. A criação foi uma resposta da sociedade para o fechamento e limitação de horário de funcionamento de bares, ocorrida na primeira gestão do prefeito José Fortunatti, em um tradicional bairro boêmio de Porto Alegre, a Cidade Baixa.

Dentro de todas as publicações da página, que variam de uma média de 02 a 11 publicações diárias, delimitamos o período de tempo de 06 de fevereiro a 06 de maio de 2013 para observação. Este período foi escolhido por abranger duas importantes mobilizações públicas na cidade, as manifestações contra o corte de árvores e as manifestações contra o aumento das passagens de ônibus coletivo urbano. Neste período, foram identificadas 179 postagens e foram selecionadas as 10 mais curtidas e compartilhadas que dissessem respeito ao corte de árvores e aos protestos contra o aumento das passagens. Vamos trazer também o número de comentários de cada postagem como um dado de participação, mas o compartilhamento e as opções curtir serão entendidos como os indicadores mais relevantes para a análise. Utilizamos este critério porque as postagens mais curtidas e compartilhadas são as que apresentam maior potencial de mobilização, pois levam a mensagem adiante para outros grupos da rede. A partir desta identificação, poderá ser atingido o objetivo do trabalho, isto é, quais são os conteúdos que geram maior mobilização no site de rede social estudado, o Facebook. Estas 10 postagens serão categorizadas para que suas características similares possam ser identificadas, gerando uma compreensão do conteúdo que gera mobilização nos sites de redes sociais. A seguir será feita a análise de cada uma das postagens individualmente utilizando as metodologias já descritas para então ser feita uma

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/defesadaalegria>

relação entre as semelhanças e diferenças entre todas elas. Explicada como se dará a metodologia para analisar as postagens selecionadas da referida *fanpage*, cabe agora contextualizar os dois movimentos cujos posts analisados dizem respeito.

4.3.1 O Corte de árvores

Em função da Copa do Mundo de 2014, que terá Porto Alegre como uma das cidades a receber jogos, a prefeitura da cidade fez um projeto de ampliação da Avenida Edvaldo Pereira Paiva (Beira Rio), localizada nos arredores da Usina do Gasômetro, importante centro cultural e de lazer do município. A obra requer a derrubada de 115 árvores da avenida e foi iniciada no dia 06 de fevereiro, quando caminhões da prefeitura cortaram alguns espécimes. Devido à mobilização popular, principalmente entre estudantes e moradores da região, a derrubada foi suspensa e até o presente momento do trabalho, dia 08 de maio de 2013, o processo ainda está em negociação. A mobilização pelas árvores foi um movimento importante para a cidade e foi amplamente divulgada pela mídia, conforme exemplo abaixo.

Após reunião, proibição de corte de árvores em Porto Alegre é mantida

Reunião nesta quarta na Justiça terminou sem acordo entre MP e município. Corte das árvores começou em fevereiro e foi suspenso após polêmica.

Do G1 RS

Comente agora  16  Recomendar 29



Mobilização popular impediu o prosseguimento da derrubada de árvores no entorno do Gasômetro (Foto: reprodução/RBS TV)

O corte das árvores na Praça Júlio Mesquita, no entorno da área da Usina do Gasômetro, em **Porto Alegre**, continua proibido. A decisão ocorreu após terminar sem acordo uma audiência conciliatória entre o Ministério Público e a prefeitura do município realizada nesta quarta-feira (10) na 10ª Vara da Fazenda Pública no Foro Regional, na Zona Sul da capital.

Na audiência, a Procuradoria do Município reafirmou a necessidade do corte de árvores para conclusão da obra viária. Em contrapartida, apresentou como proposta a criação do Parque Urbano da Orla da Guaíba. Conforme os representantes do município, esse

Figura 01: Matéria publicada no G1 no dia 10/04/2013¹⁸

¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/apos-reuniao-proibicao-de-corte-de-arvores-em-porto-alegre-e-mantida.html> - Acesso em: 08/05/2013.

No momento em que ocorreram os primeiros cortes de árvores na avenida, o Ministério Público do Rio Grande do Sul se mostrou contrário à derrubada da vegetação nativa da cidade, mas, visto que a Prefeitura não quis recuar na realização do projeto, os dois órgãos estão negociando a questão. Uma vez que não ficou claro o futuro da obra, a população da cidade organizou, via Facebook, um acampamento no local onde foram cortadas as árvores para impedir novas tentativas de corte por parte da prefeitura. Até o dia da análise do movimento, feita em 08 de maio de 2013, o grupo ainda está acampando no local e completa três semanas de mobilização. O assunto também foi noticiado na mídia, como pode ser conferido abaixo:

Acampados contra corte de árvores farão atividades neste final de semana em Porto Alegre



Grupo está há dez dias acampado em protesto contra corte de árvores em Porto Alegre | Foto: Gênova Wisniewski/Divulgação

O grupo que está acampado na área verde próxima à Câmara Municipal de Porto Alegre realizará uma série de atividades neste final de semana em comemoração aos dez dias da ocupação. Os ativistas protestam contra o corte de árvores para realização de obras viárias na cidade e asseguram que só deixarão o local após a prefeitura suspender definitivamente os futuros cortes previstos e replantar as tipuanas derrubadas em fevereiro deste ano.

As atividades deste final de semana envolvem o plantio de uma horta comunitária a partir das 14h de sábado (27) e a realização de um "Baile dos Mascarados" durante a noite. No domingo, haverá uma roda de conversa sobre mobilidade urbana às 15h, um show de mágica às 17h e um piquenique às 18h.

O grupo está organizado pelo Facebook e possui, também, uma [página para os eventos deste final de semana](#).

Figura 02: Notícia publicada no Sul 21 no dia 26/04/2013¹⁹

Outro acontecimento importante na questão do corte das árvores da cidade é que a Prefeitura deixou de replantar 798 mudas, como uma forma de compensação ao corte de 40 árvores ocorrido em fevereiro. No lugar do plantio, a Secretaria Municipal de Obras fez o pagamento de quarenta mil reais a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, o que também provocou revolta nos manifestantes e apoiadores da causa.

¹⁹ Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2013/04/acampados-contra-corte-de-arvores-farao-atividades-neste-final-de-semana-em-porto-alegre/> - Acesso em: 08/05/2013.

4.3.2 O aumento da passagem de ônibus

O outro movimento que será analisado a partir da página “Defesa Pública da Alegria” é a mobilização contra o aumento da passagem do transporte público na cidade de Porto Alegre. O aumento, ocorrido no dia 25 de março de 2013, fez com que o valor da passagem subisse de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. O acréscimo estava sendo negociado desde fevereiro, quando iniciaram, de forma branda, os primeiros protestos. A proposta era que a passagem passasse a custar R\$ 3,30, mas acabou com o preço fixado em R\$ 3,05 no mês de março.

A resposta dos cidadãos ao aumento foi rápida e mobilizou boa parte da população que foi às ruas para protestar contra o aumento e exigir o valor de R\$ 2,60 por passagem. Este valor foi anunciado pelo Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul em inspeção especial realizada em 2011. O TCE constatou uma irregularidade no cálculo das passagens, uma vez que as empresas de transporte público estavam considerando a frota total de ônibus no cálculo do Percurso Médio Mensal. De acordo com o Tribunal, tirando a frota inoperante, o valor da passagem deveria ser R\$ 2,60. Em estudo realizado, divulgado pelo portal ClicRBS, se um motorista de ônibus da Capital resolvesse gastar todo o seu salário mensal em passagens para andar no veículo em 2012, ele teria feito 610 viagens. Já 1996, seriam 1.380²⁰.

A proposta da população, que se organizou por eventos no Facebook, era realizar um ou mais protestos por semana até que a passagem fosse reajustada. O grande lema do movimento era “Se a passagem não baixar, Porto Alegre vai parar”. A mobilização da população nas ruas iniciou de fato no dia 28 de março, quando milhares de estudantes e trabalhadores tomaram o centro de Porto Alegre para exigir o valor apontado pelo TCE. No dia 01 de abril, a manifestação atingiu seu ápice e contou com a presença de cerca de dez mil pessoas. Uma nova manifestação foi organizada no dia 04 de abril de 2013 e contou com a presença de milhares de pessoas, a exemplo de segunda-feira daquela semana. Neste mesmo dia, uma liminar contra o aumento da tarifa de ônibus exigiu o reajuste do valor de R\$ 3,05 para R\$2,85. Estas manifestações também foram amplamente divulgadas pela mídia local que acompanhou cada novo protesto, como pode ser visto a seguir:

²⁰ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/transito/noticia/2013/03/estudo-acirra-criticas-ao-aumento-das-passagens-de-onibus-em-porto-alegre-4060432.html> Acesso em: 08/04/2013

Liminar suspende aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre

Ação foi movida pela bancada do PSOL na Câmara de Vereadores. Tarifa deve voltar a R\$ 2,85, mas prefeitura pode recorrer da decisão.

Do G1 RS

39 comentários [Tweeter](#) 114 [Recomendar](#) 6,1 mil



Figura 03: Reportagem do G1 do dia 04/04/2013²¹

Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre



Protesto desta quarta-feira (27) foi o maior já realizado contra o aumento da passagem em Porto Alegre | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Samir Oliveira

Figura 04: Reportagem do Sul 21 do dia 28/03/2013²²

²¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html> - Acesso em: 08/05/2013.

²² Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2013/03/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/> - Acesso em: 08/05/2013.

4.4 Categorização das postagens

Feita a contextualização dos movimentos, é necessário fazer uma primeira categorização das postagens a partir de sua data, número de compartilhamentos, número de opções curtir, número de comentários e a qual dos dois movimentos cada uma se refere. Depois disso, caberá analisar individualmente cada postagem, colocando-as em suas categorias, a partir das metodologias propostas para então buscar compreender, dentro destes contextos, que tipo de conteúdo gera maior mobilização social no Facebook.

Antes de iniciar as categorizações, faz-se necessário abordar as categorias específicas a que elas serão submetidas, a partir da metodologia da Análise de Conteúdo, e as interpretações que serão feitas a partir da Análise de Imagem. No que diz respeito à categorização das postagens, elas serão analisadas, primeiramente nos seguintes quesitos:

a) Número de compartilhamentos; número de opções curtir; número de comentários: As postagens serão categorizadas a partir destes indicadores. O número de opções curtir e compartilhamentos evidenciam o poder de mobilização de cada postagem e servirá para, em outro momento, analisar qual o tipo de conteúdo que gerou uma maior mobilização, a partir das postagens selecionadas. O número de comentários, apesar de evidenciar participação dos usuários, será um indicador secundário, pois neste trabalho pretende-se analisar que tipo de conteúdo mobiliza um grande número de pessoas, a partir da disseminação do conteúdo na rede.

b) Movimento a que se refere: Como já apontamos, serão analisadas 10 postagens, dentro do período selecionado, que digam respeito ao Protesto contra o aumento das passagens e ao movimento contra o corte de árvores. Neste primeiro momento, será feita uma categorização para indicar a qual dos dois movimentos ela está se referindo.

Esta primeira categorização deu origem a seguinte tabela:

	Data da postagem	Nº de compartilhamentos	Nº de opções curtir	Nº de comentários	Conteúdo da postagem
Postagem 1	06/02/2013	119	57	09	Corte de árvores
Postagem 2	07/02/2013	206	118	13	Corte de árvores
Postagem 3	21/02/2013	916	180	0	Corte de árvores
Postagem 4	26/03/2013	193	135	0	Mobilização Popular
Postagem 5	28/03/2013	696	415	48	Aumento das passagens
Postagem 6	02/04/2013	164	360	12	Aumento das passagens
Postagem 7	05/04/2013	485	217	08	Aumento das passagens
Postagem 8	05/04/2013	1.851	720	206	Aumento das passagens
Postagem 9	16/04/2013	734	132	23	Corte de árvores
Postagem 10	18/04/2013	467	268	16	Corte de árvores

Tabela 01: Relação das Postagens Analisadas na *fanpage* “Defesa Pública da Alegria”

Agora, é necessário descrever as próximas categorias a que serão divididas as postagens analisadas utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo:

1. **Vídeo/Postagem/Imagem** - Uma vez que o próprio site de redes sociais, Facebook, exige uma separação entre a postagem nestes três tipos de conteúdo, fazendo com que o usuário selecione previamente o que vai ser publicado, é necessário distinguir a qual/quais das três categorias pertencem as postagens analisadas.

1.1 **Imagem Fotográfica e Imagem Ilustrada (desenho)** - Se categorizadas como imagens, será feita uma nova classificação em imagens fotográficas, que representem um recorte da realidade tal qual ela se apresenta, ou imagens ilustradas feitas com softwares de edição de imagens.

1.2 **Imagem com texto/ imagens sem texto** - Se na primeira categoria o conteúdo for classificado como imagem, serão feitas novas categorizações para compreender outras implicações dentro deste tipo específico de veiculação. Será analisado se a imagem possui texto no próprio recorte da realidade (fotografia) ou a partir de uma modificação, utilizando softwares de edição como Corel Draw e Photoshop.

1.3 **Presença de texto junto à imagem** - Caso se enquadra na categoria imagem, será analisado se foi postado somente a imagem ou se foi acompanhada de um texto que a complementa no status.

2. **Conteúdo Próprio/ Conteúdo Compartilhado** - Será analisado se o material selecionado foi produzido pelos responsáveis pela página ou se foi compartilhado de outro usuário. Esta categoria busca compreender a participação dos usuários que curtem a página na construção do capital social da Defesa Pública da Alegria. Faz-se necessário atentar que neste trabalho a postagem é considerada o conteúdo. Por exemplo, se alguém posta uma foto que não é de sua autoria, mas não compartilha a imagem de outro usuário e sim produz a postagem na página ou perfil, consideraremos a postagem como conteúdo próprio. Isto porque quem escolhe a maneira de dispor os elementos, que podem ter sido desenvolvidos por outros usuários, é o criador da postagem.
3. **Modo de apropriação da linguagem (linguagem coletiva; linguagem informativa; linguagem opinativa)** - Procura-se elucidar nesta categoria como as publicações utilizam a linguagem para se relacionar com os usuários. Aqui elas serão divididas entre linguagem coletiva, informativa e opinativa. A primeira diz respeito ao uso da linguagem como um instrumento de mobilização, que procure colocar no mesmo

patamar os criadores da página e os usuários, enquanto a segunda está relacionada a utilização da linguagem como um instrumento de informação para que as pessoas possam se mobilizar. A linguagem opinativa utiliza um ponto de vista bem definido para debater os dois temas analisados no trabalho e trazer diálogo e disseminação da causa.

4.5 As postagens a partir da Análise de Conteúdo

4.5.1 Postagem 01 X Análise de Conteúdo



Figura 05: Imagem da Postagem 01 (de 06/02/13)

A primeira postagem analisada foi feita no dia 06 de fevereiro, dia que foi realizado o corte de 40 árvores nos arredores da Usina do Gasômetro. A respeito da primeira categoria,

podemos perceber que ela se encaixa como uma imagem. Dentro desta primeira, se caracteriza como uma imagem fotográfica, feita a partir de um recorte da realidade. A respeito da imagem possuir ou não texto com o uso de softwares de edição, percebe-se que ela se utiliza apenas de conteúdo imagético. Na primeira postagem analisada, o conteúdo não foi criado pelos desenvolvedores da página, mas compartilhado de uma usuária. Nota-se também que a página marcou outra página de mobilização na cidade chamada “Vivendo PAlegre” na publicação do conteúdo como uma forma de convidar para o debate e disseminar ainda mais a informação.

Vê-se a presença de texto na parte superior da foto onde se lê “Sangramos todos nós”. Notamos aqui o uso da 1ª pessoa do plural como uma forma de atribuir um sentimento comum a toda população da cidade que sofreu danos ao perder suas árvores. Esse modo de apropriação da linguagem é classificado, neste trabalho, como coletiva e é reforçada novamente pela presença do ‘nós’.

4.5.2 Postagem 02 X Análise de Conteúdo



Figura 06: Imagem da Postagem 02 (de 07/02/13)

A segunda postagem selecionada foi publicada no dia 07 de fevereiro de 2013 e convoca os usuários a participar de um Ato Público contra o corte de árvores ocorrido no dia anterior. A exemplo da primeira postagem, esta também se enquadra na categoria imagem. Dentro desta

primeira, vê-se que é uma imagem fotográfica, um recorte do momento do corte das 40 árvores ocorrido no dia 06. Dentro desta imagem, percebe-se a utilização de softwares de edição de imagem para adição de textos, enquadrando a postagem dentro da categoria imagem com texto.

O conteúdo foi desenvolvido e publicado pela própria página, se encaixando na categoria conteúdo próprio com utilização de texto para complementar a imagem. A respeito da linguagem, o texto utiliza de diversos modos, como a linguagem informativa, linguagem coletiva e linguagem opinativa para fazer a mobilização para o Ato Público. A primeira é elucidada na informação passada da data, hora e local da manifestação e também no texto “Defesa Pública da natureza, da sombra, do transporte sustentável, da vida como uma forma de explicar a importância da presença das árvores na vida de cidade”. O texto “Quantas Copas por uma copa” também é informativo, pois faz referência ao contexto em que se insere o corte das árvores. A forma da página comunicar não é neutra e sim representa um ponto de vista bem definido da página de que a cidade precisa de árvores e não de mais obras, classificando-se, então, como linguagem opinativa. Vemos isto no uso da palavra “massacre” para definir a derrubada. A linguagem coletiva é percebida no texto “Levem velas, instrumentos musicais, cartazes, faixas e vamos impedir que mais árvores sejam derrubadas!”. Nota-se, nesta frase, que os criadores da página se colocam como iguais, elucidando que também irão participar do evento e impedir que mais árvores sejam derrubadas.

4.5.3 Postagem 03 X Análise de Conteúdo



Figura 07: Imagem da Postagem 03 (de 21/02/13)

A postagem foi realizada no dia 21 de fevereiro e diz respeito ao corte de árvores, mais especificamente à declaração feita pelo prefeito José Fortunatti que afirmou que as pessoas não utilizavam as árvores. A imagem foi criada através de softwares de edição, se encaixando na categoria imagem ilustrada e também na categoria imagem com texto. Há também a presença de texto como status complementando o sentido da imagem. O conteúdo foi desenvolvido pelas marcas que possuem o logo a direito da imagem, porém foi postada pela página sem fazer referência a uma postagem anterior, sendo enquadrada, neste trabalho, como um conteúdo próprio da página Defesa Pública da Alegria. A linguagem possui características informativas e opinativas. A primeira porque procura conscientizar os benefícios de uma árvore, mostrando que ela tem suas funções, mesmo na vida urbana. A segunda evidencia-se no texto “As pessoas não usam estas árvores” José Fortunati eleito com 65% dos votos porto-alegrenses. Gênio!”. Uma vez que na imagem foram passadas as informações da utilidade das árvores na vida pública, chamar o prefeito de gênio, a partir de sua constatação errônea, é considerado uma sátira construída a partir de uma opinião de que as árvores tem sim sua função social.

4.5.4 Postagem 04 X Análise de Conteúdo

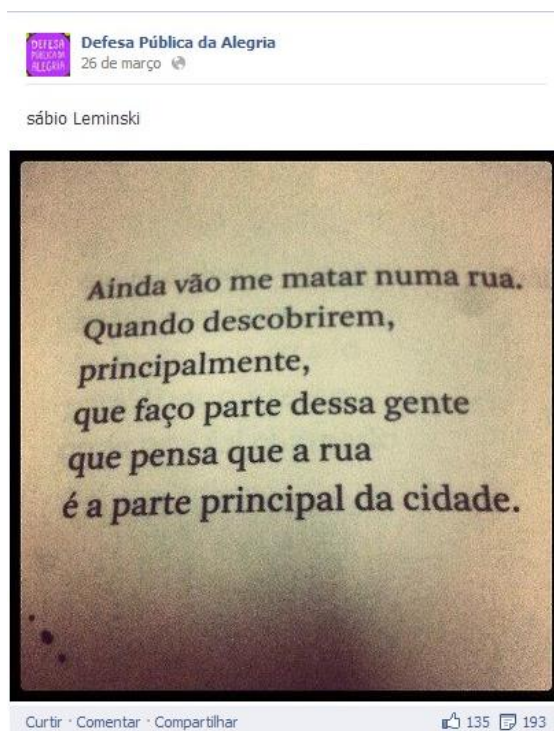


Figura 08: Imagem da Postagem 04 (de 06/03/13)

A postagem que será analisada agora foi feita no dia 06 de março de 2013. De acordo com a teoria trazida por Joly, essa postagem também se classifica como uma imagem. Uma vez que foi feita através de softwares, ela é uma imagem ilustrada e com a presença de textos dentro da imagem no status. A imagem é uma poesia de Paulo Leminski, escritor brasileiro, que diz respeito à mobilização das pessoas em ocuparem as ruas de sua cidade. Desta forma, ela está relacionada com os dois movimentos analisados dentro da página Defesa Pública da Alegria, já que fala sobre o engajamento popular e a tomada das ruas pelo entendimento que os espaços públicos são da população. Mesmo que o poema seja de propriedade intelectual do autor, a imagem, tal como ela se apresenta, foi criada pela Defesa Pública da Alegria, então consideraremos como conteúdo próprio. A linguagem utilizada é informativa, tanto para disseminar o poema que representa a ideologia das manifestações quando ao afirmar na parte superior da foto “sábio Leminski”, indicando mais uma vez que este poema representa os ideais da página e dos manifestantes.

4.5.5 Postagem 05 X Análise de Conteúdo



Figura 09: Imagem da Postagem 05 (de 28/03/13)

A quinta postagem analisada diz respeito aos protestos contra o aumento de passagens e foi feita no dia 28 de março, um dia após a mobilização nas ruas que reuniu milhares de estudantes e trabalhadores no centro de Porto Alegre. A postagem, a exemplo das outras já analisadas, também é categorizada como imagem, mais precisamente como uma imagem real que não contém texto e mostra os manifestantes no protesto do dia 27 de março. O conteúdo é próprio e faz referência à reportagem feita pelo Jornal Sul 21, evidenciando para os usuários a importância do protesto que, além de gerar grande mobilização popular, foi divulgado pela mídia local. A linguagem, percebida no texto que acompanha a imagem, é informativa e alerta os usuários para não se enganarem a respeito dos protestos, a razão da indignação está com os manifestantes, o que pode ser evidenciado no texto: “Passagens: não se enganem, a maioria e a razão estão com os manifestantes”. Também atentamos para a questão que, mesmo que o conteúdo seja próprio, a página faz questão de referenciar os créditos da reportagem e da foto postada.

4.5.6 Postagem 06 X Análise de Conteúdo



Figura 10: Imagem da Postagem 06 (de 02/04/13)

A postagem foi dia no dia 02 de abril, um dia após a maior manifestação contra o aumento das passagens na cidade. Trata-se de uma imagem fotográfica sem texto acrescentado

pelo uso de softwares. A imagem mostra os manifestantes no protesto do dia 1º de abril no momento que passavam pelo Viaduto da Conceição. O Conteúdo é próprio, pois não foi compartilhado de nenhum usuário, mas faz referências a autoria da foto e do texto publicado. A linguagem utilizada, presente no texto que complementa a foto, é informativa e procura mostrar as proporções que a manifestação tem tomado na cidade, a partir do texto jornalístico.

4.5.7 Postagem 07 X Análise de Conteúdo



Figura 11: Imagem da Postagem 07 (de 04/04/13)

Como já apontado anteriormente, no dia 04 de abril uma liminar exigiu que o aumento da passagem fosse revogado e voltasse a custar R\$ 2,85. A revogação foi entendida pelos manifestantes como uma constatação do poder dos protestos realizados, o que é representado na charge acima. Assim, pode-se dizer que a postagem feita no dia 05 de abril é uma imagem ilustrada com texto. O conteúdo não foi compartilhado de um usuário, caracterizando-se como próprio e faz referência, pelo status que acompanha a imagem, ao autor da charge, Latuff para o Jornal Sul 21. Há o acréscimo do texto ‘2,85’ fazendo referência ao valor da passagem que pode ser considerado como uma linguagem opinativa que expressa o apoio a liminar. Por se tratar de uma charge, a análise das intenções se fará de maneira mais completa no subcapítulo seguinte onde as imagens serão analisadas pela metodologia Análise de Imagem.

4.5.8 Postagem 08 X Análise de Conteúdo



Figura 12: Imagem da Postagem 08 (de 05/04/13)

A imagem foi postada no dia 05 de abril, diz respeito ao protesto contra o aumento das passagens, e foi a mais curtida e compartilhada de todas analisadas. Nesta análise, a questão de imagem fotográfica ou imagem ilustrada merece um debate diferenciado. A imagem é uma reprodução de um documento de demissão de uma funcionária da Carris, empresa de ônibus de Porto Alegre, por participar dos protestos contra o aumento da passagem e afirmar em seu perfil pessoal o envolvimento do prefeito José Fortunatti com um suposto desvio de verbas. Uma vez que este documento é oficial e existe na sua forma física (papel) consideraremos no presente trabalho como um recorte da realidade, isto é, uma imagem fotográfica. O texto, presente na imagem, é de sua própria realidade, se enquadrando na categoria imagem com texto. O conteúdo é próprio da página e linguagem analisada será feita a partir do comentário publicado junto com a imagem. Neste caso: "No dia de ontem (4), a funcionária da Carris, Karina Lemos, foi demitida por participar dos protestos contra o aumento da passagem e publicar em seu Facebook denúncias contra a precariedade do transporte público em Porto Alegre. Agora, reparem quem demitiu Karina, ninguém menos do que o ex-presidente da juventude do PDT (partido do prefeito

Fortunati) e ex-auxiliar parlamentar da ex-vereadora Neuza Canabarro (PDT), Leonardo Coronel, atual gerente de recursos humanos da Carris. Perseguição política contra trabalhadores?"

Nota-se a apropriação de dois modos de linguagem, a informativa e a opinativa. Primeiramente porque procura informar o usuário do motivo da demissão da funcionária e a respeito das pessoas envolvidas e suas implicações. Também no final do texto quando a página disponibiliza o link de um blog para maiores informações sobre o transporte público. A linguagem opinativa é percebida no uso de palavras como “precariedade” e “perseguição política” que explicitam um ponto de vista de a empresa estaria errada ao fazer essa demissão, pois o transporte público deve ser discutido por toda sociedade.

4.5.9 Postagem 09 X Análise de Conteúdo



Figura 13: Imagem da Postagem 09 (de 16/04/13)

A postagem feita no dia 16 de abril diz respeito ao corte de árvores e trata-se de uma imagem fotográfica com texto presente na foto. O conteúdo é próprio e representa um recorte da realidade das árvores já cortadas. No texto presente: “ALERTA GERAL Justiça libera corte parcial de árvores no Gasômetro a partir de quinta, 18 de abril. Se o MP não recorrer da decisão, teremos que juntar nossas forças para subir nas árvores e impedir os cortes. Fiquem espertos!

Compartilhem!”. A respeito da linguagem, nota-se que é informativa, opinativa e coletiva. A primeira porque alerta os usuários de que o corte parcial foi liberado e que novas manifestações podem ocorrer. A segunda fica clara nos textos presentes na própria foto. O uso da palavra Jaz indica o entendimento da árvore como uma vida e o seu corte como a representação da morte, indicando uma opinião sobre o tema. A última é percebida no uso da terceira pessoa do indicativo “teremos que juntar nossas forças para subir nas árvores e impedir os cortes.” e no posicionamento da página como participante da mobilização que está por vir.

4.5.10 Postagem 10 X Análise de Conteúdo



Figura 14: Imagem da Postagem 10 (de 18/04/13)

A última postagem selecionada foi feita no dia 18 de abril e diz respeito à mobilização contra o corte de árvores. Trata-se de uma imagem fotográfica, sem texto e um conteúdo próprio da página. A respeito do texto postado junto a imagem, nota-se uma linguagem informativa, coletiva e opinativa. A página informa sobre o andamento do acampamento que está sendo feito para que as árvores não sejam derrubadas. Ao mesmo tempo, se coloca no mesmo patamar que os usuários convidando-os a se juntar a vigília. Esse modo de apropriação da linguagem é

percebido no uso da terceira pessoa do indicativo em vários momentos do texto. A página também expressa sua opinião quando chama o corte de genocídio e utiliza a palavra ‘resistir’ para definir a mobilização: “Tá crescendo a vigília pelas árvores. Estamos entre a rótula em construção e a Câmara Municipal. Procura as barracas, a fogueira e vem! Acampamos por nenhuma árvore a menos! Contra a imobilidade urbana e o genocídio ambiental é preciso encher a rua de povo. Mais barracas e mais gente significa pressão popular! Vem cantar, existir e resistir com a gente! A luta tá só começando. Seguiremos. Contra o monopólio da informação, compartilha”.

Tendo em vista as 10 postagens selecionadas, a partir da categorização realizada com base na Análise de Conteúdo gerou-se a seguinte tabela:

	Imagem; Status; Vídeo	Fotografia; Imagem ilustrada	Imagem com texto; imagem sem texto	Conteúdo próprio; compartilhado	Linguagem	Presença de texto complementar
Postagem 01	Imagem	Fotografia	Sem texto	Compartilhado	Coletiva	Sim
Postagem 02	Imagem	Fotografia	Com texto	Próprio	Informativa; Coletiva; Opinativa	Sim
Postagem 03	Imagem	Fotografia	Com texto	Próprio	Informativa; Opinativa	Sim
Postagem 04	Imagem	Fotografia	Com texto	Próprio	Informativa	Sim
Postagem 05	Imagem	Fotografia	Sem texto	Próprio	Informativa	Sim
Postagem 06	Imagem	Fotografia	Sem texto	Próprio	Informativa	Sim
Postagem 07	Imagem	Ilustrada	Com texto	Próprio	Opinativa	Sim
Postagem 08	Imagem	Fotografia	Com texto	Próprio	Informativa; Opinativa	Sim
Postagem	Imagem	Fotografia	Com texto	Próprio	Informativa;	Sim

09					Coletiva	
Postagem 10	Imagem	Fotografia	Sem texto	Próprio	Informativa; Coletiva; Opinativa	Sim

Tabela 02: Relação das Postagens Analisadas a partir da Análise de Conteúdo

4.6 Análise de imagem

Uma vez que foi constatado que todas as dez postagens analisadas se enquadram na categoria imagem, se faz necessário utilizar a Análise de Imagem para perceber questões características deste tipo de conteúdo. Mesmo que algumas das fotografias e imagens ilustradas não sejam de autoria da página “Defesa Pública da Alegria”, consideramos que a página concorda com a mensagem da imagem uma vez que compartilhou e disseminou o conteúdo. Para tal, as imagens das postagens serão analisadas sob os seguintes aspectos:

- a) **Enquadramento** - qual recorte da realidade foi feito na imagem? Optar por determinado tipo de enquadramento implicar em escolher um recorte específico em detrimento de outros.
- b) **Composição da imagem** - Ao que foi dado maior ênfase na imagem? O que o contexto da foto diz em relação ao assunto principal?
- c) **Perspectiva** - qual o ângulo de visão adotado? Onde o produtor da imagem se posicionou?
- d) **Mensagem implícita** - que tipo de mensagem a imagem tentou passar? Quais as implicações da forma como a imagem foi organizada?

4.6.1 Postagem 01 X Análise de Imagem

A primeira postagem é uma fotografia de uma árvore cortada na Avenida Edvaldo Pereira. O primeiro aspecto importante de ser analisado é o uso de uma substância que lembra sangue como uma forma de relacionar o corte de uma árvore com o fim de uma vida. A inserção deste elemento foi feita na produção da imagem de forma real, sem o uso de softwares, e é um

elemento que deve ser levado em conta para compreender que tipo de mensagem o autor quis passar com a foto. O autor da foto procurou enquadrar a árvore como o elemento principal da imagem, colocando ao fundo outros elementos que auxiliam a contextualização como uma parte da árvore cortada e o prédio da Usina do Gasômetro. Estes elementos que fazem a relação da figura principal (árvore) com o contexto da mobilização são muito importantes para situar o acontecimento em um lugar, Porto Alegre e um momento, dia 06 de fevereiro de 2013. O autor da foto se coloca no mesmo patamar que a árvore, ao tirar a foto da mesma altura que a árvore cortada, fazendo uma relação igual-igual entre as árvores as pessoas.

4.6.2 Postagem 02 X Análise de Imagem

A segunda imagem é a foto de uma árvore cortada ao lado do viaduto localizado na avenida em questão com textos acrescentados por softwares, que já foram analisados anteriormente. Cabe aqui analisar a forma como foi feito o recorte da realidade do momento do corte da árvore. Primeiramente vemos que o autor da foto procurou elucidar o contexto em que a árvore foi derrubada, isto é, ao lado do viaduto, em frente a Usina do Gasômetro. O elemento principal continua sendo a árvore cortada, porém ela conversa com o contexto de maneira mais direta que na primeira postagem. O autor procurou fazer uma relação da árvore com o contexto onde ela se inseria, ou seja, o viaduto. Ao fundo, nota-se um corredor de árvores ainda não cortadas que conversa com o texto “Quantas copas por uma Copa?” A perspectiva adotada é a de um cidadão comum que pode visualizar um ambiente maior onde se insere toda a vegetação do entorno do Gasômetro.

4.6.3 Postagens 03 e 04 X Análise de Imagem

As duas postagens caracterizam-se como imagens ilustrativas com linguagem informativa, isto é, elas procuram passar uma informação para os usuários que curtem a página. Em função disso não serão analisados questões como enquadramento, perspectiva e composição, apenas que tipo de mensagem a imagem tentou passar. A postagem 04 tem o caráter explicativo e coloca a ilustração da árvore em destaque para explicar sua relação com a vida na cidade. Na postagem 05, pode-se aprender somente o sentido do texto, que já foi analisado anteriormente.

4.6.4 Postagem 05 X Análise de Imagem

A quinta postagem é uma imagem de um protesto contra o aumento das passagens. Vemos que o autor da imagem optou por uma perspectiva mais pessoal, identificando os rostos dos participantes em primeiro plano e desfocando os do fundo. A maior ênfase foi dada para uma manifestante gritando com as mãos voltadas para cima. A mesma expressão pode ser percebida nos manifestantes ao fundo. Nota-se que o autor da imagem estava no meio do protesto, pois conseguiu um ângulo fechado de uma parcela dos manifestantes. Essa perspectiva reforça a ideia da proposta da página de que pessoas comuns podem lutar pelos seus direitos lado a lado. Esta proposta é reafirmada pelo texto presente, a maioria e a razão estão com os manifestantes. Vê-se que nesse momento da mobilização os manifestantes estavam ganhando número e a sociedade estava começando a apoiar os protestos. Desta forma, o posicionamento visto no recorte de realidade da imagem é de uma perspectiva pessoal de que todos podem protestar e aumentar ainda mais o poder as mobilização. Ao fundo dos manifestantes, pode ser identificado um prédio do Centro Histórico de Porto Alegre, o que ajuda a contextualizar a imagem.

4.6.5 Postagem 06 X Análise de Imagem

A imagem da sexta postagem analisada também é um recorte de um protesto contra o aumento das passagens, feito no dia 1º de abril. Nota-se que o fotógrafo está no meio da manifestação, mas, diferente da postagem anterior, a ideia é mostrar uma perspectiva da multidão, isto é, da representatividade que a manifestação tomou. A ênfase não se dá especificamente nos manifestantes, mas sim na massa de pessoas que compõe o protesto e estão dando voz ao povo. A ideia da imagem é reafirmada pelo texto jornalístico que afirma que Porto Alegre está dando sinal de vida.

4.6.6 Postagem 07 X Análise de Imagem

A postagem é uma charge e será analisada pela mensagem que procura passar. Na imagem vemos um ônibus pintado com as cores da empresa Carris de transporte público de Porto Alegre. Dentro do ônibus, o prefeito José Fortunatti aparece com uma expressão raivosa e um 2,85 é remarcado de caneta vermelha em cima do valor 3,05 a partir de uma mão saída da multidão. Do lado uma multidão caminha em direção ao ônibus. Nota-se que a charge atribui a

pressão popular a liminar que revogou o aumento da passagem e coloca o prefeito como alguém contrário a esta revogação.

4.6.7 Postagem 08 X Análise de Imagem

Por mais que se trate de uma imagem do mundo real, a imagem é uma foto do documento de demissão da funcionária da empresa de ônibus Carris. Dessa forma, a imagem é uma cópia do documento original, não podendo ser analisadas questões de enquadramento, perspectiva, etc. No que diz respeito ao sentido implícito, podemos dizer que a utilização de um documento oficial trouxe um caráter de veracidade a informação, uma vez que os nomes das assinaturas puderam ser consultados.

4.6.8 Postagem 09 X Análise de Imagem

A imagem da décima postagem analisada traz os restos das árvores cortadas com placas fixadas com dizeres como “Aqui Jaz uma Árvore” e “Aqui Jaz uma Sombra”. Vemos que o elemento em foco é a placa Aqui jaz uma sombra e o restante da árvore que foi cortada. No entanto, as outras placas ainda são legíveis e servem para contextualizar o protesto feito no momento da produção da imagem. Nota-se também que o fotógrafo optou por uma perspectiva que tornasse possível a visualização das árvores cortas em uma linha e o resto do contexto, como os carros e a rua, ficassem como um fundo desfocado.

4.6.9 Postagem 10 X Análise de Imagem

A última postagem possui uma imagem do acampamento feito pelos manifestantes no local do corte de árvores para impedir que novas árvores sejam cortadas. Algumas considerações podem ser feitas sobre a imagem. Primeiramente, o fato da foto ser noturna indica a permanência e resistência dos manifestantes em relação a manifestação. O enquadramento engloba as pessoas acampando no local, bem acomodadas e uma árvore, representação do motivo do protesto, aparecer no mesmo patamar que as pessoas. O fotógrafo estava perto da manifestação mas não retratou o movimento de maneira intimista, procurando identificar os participantes, mas sim de forma a elucidar o número de participantes da vigília.

4.7 Relações entre as postagens analisadas

Pode-se perceber, a partir da análise das postagens, que todas elas se enquadram na categoria imagens, sendo três ilustradas e sete fotografias. Das dez imagens, seis apresentam textos em sua estrutura e todas têm um status complementando a postagem das imagens. A linguagem utilizada se dividiu nas categorias coletiva, informativa e opinativa, com uma maior densidade na categoria informativa que foi utilizada em oito das dez postagens. Também constatamos que nove postagens representavam conteúdos da própria página e não compartilhamento de usuários.

Conforme dito neste trabalho, uma pesquisa realizada mostrou que as imagens têm mais replicações do que outros tipos de conteúdo no site de rede social Facebook. Esta constatação também foi observada no presente trabalho, uma vez que as postagens mais curtidas e compartilhadas dentro do período analisado são todas imagens. A maior parte destas imagens se enquadram na categoria fotografia e entendemos que isto ocorre devido ao fato de se tratar de um movimento social e as fotografias funcionarem como um registro da evolução da mobilização popular. A postagem de fotos verídicas de árvores cortadas, passeatas e intervenções urbanas dão veracidade ao movimento e faz com que o usuário possa observar que há uma participação real popular e que a sua atitude pode fazer a diferença. As imagens ilustradas funcionaram, principalmente, para informar o usuário a respeito dos dois movimentos, trazendo dados para dar mais respaldo na sociedade, como foi o caso da imagem que explicava a função das árvores na vida urbana.

Nas imagens observou-se a presença de texto na maior parte delas, o que indica que este tipo de inserção gera uma maior mobilização. Isto porque uma imagem com texto informa um contexto completo na própria imagem, fazendo com que os usuários possam apreender o conteúdo rapidamente e passar adiante através do compartilhamento e da opção curtir. Neste sentido, o status acompanhando a imagem, encontrado em todas as postagens, traz um caráter mais humano para as publicações, já que a opinião é expressa de maneira pessoal quando o gestor da página faz um comentário a respeito do que está postando. Neste sentido, também foi observado a presença da linguagem opinativa em algumas das postagens, indicando que o usuário curte a página de determinada causa porque se identifica com ela e procura opiniões semelhantes

a sua. Notou-se, porém, que a maior representatividade foi do uso da linguagem informativa, evidenciando que os usuários utilizam a página para se informar a respeito do tema, isto é, do andamento da mobilização, das razões de sua existência e da repercussão em mídias como jornais e televisão. A linguagem coletiva apareceu em quatro das dez postagens, indicando que ela se faz presente na mobilização, porém, combinada com a linguagem opinativa e informativa.

Na análise de imagem notaram-se alguns conceitos que se repetiram nas análises. A maior parte das imagens analisadas, como a 01, 02, 05, 08, 09 e 10, apresentaram elementos para contextualizar o usuário a respeito do tema em questão. Isto porque nestas imagens encontram-se particularidades que contextualizam o movimento, como a incorporação de elementos características da cidade de Porto Alegre, vistos na foto da rua onde foi feito o corte de árvores, nos prédios históricos do centro e no viaduto onde foi feita a mobilização. O enquadramento das placas na imagem 09 também funciona para contextualizar o usuário a respeito da mobilização que já foi feita e do ponto de vista da *fanpage*. Notou-se também, nos registros fotográficos analisados, que não existe um distanciamento do autor em relação ao tema retratado; ele se coloca no mesmo patamar do objeto, indicando uma relação igual-igual. Também viu-se uma dicotomia entre uma perspectiva mais intimista e uma perspectiva que exalta a multidão presente. No caso das imagens 01, 02 e 05 o autor fez uma perspectiva pessoal das árvores cortadas, mostrando a sua estrutura, e também das pessoas presentes na manifestação, mostrando seus rostos. Há ainda a perspectiva que exalta a pressão popular, como nas imagens 06, 07 e 10 onde o autor aborda a participação das pessoas na construção deste movimento em prol das árvores e do transporte público de qualidade.

Cabe aqui fazer uma análise separada da postagem 08, por ter sido a mais curtida e compartilhada de todas. A imagem, conforme já foi trazido, é uma fotografia e o status que a acompanha se utiliza da linguagem informativa para trazer questões relativas ao transporte público de Porto Alegre. A imagem apresenta uma carta de demissão de uma funcionária da Carris em função de sua participação no protesto. Percebemos, a partir da análise feita, a cooperação entre os usuários que se identificam com a causa e um sentimento de indignação com a demissão da funcionária. Os compartilhamentos funcionaram como uma chamada para uma mobilização ainda maior contra o aumento das passagens e também como uma forma de disseminar aquela informação. A cooperação se deu através do compartilhamento, com uma ideia coletiva de que quanto mais a informação fosse disseminada, mais ações poderiam ser feitas

contra a demissão. O número de compartilhamentos foi o maior dentro das postagens analisadas, justamente porque foi o momento em que ficou mais claro para os usuários de que a sua participação virtual poderia fazer a diferença. Além disso, elucida-se uma questão paradoxal, um documento em papel que representa a burocracia das instituições públicas foi o conteúdo mais disseminado na rede. Entendemos que foi justamente este um dos motivos para esta grande mobilização. O ato de compartilhar o conteúdo representa para o usuário uma represália contra este tipo de sistema burocrático do transporte público da cidade. Em sua essência, a manifestação ocorreu justamente para se manifestar contra este controle das empresas de ônibus representado pelo excesso de burocracia e falta de transparência pública. Além disso, há uma memória muito recente da Ditadura Militar e um ato como este é entendido como uma repressão a um direito de liberdade de discurso da democracia e o compartilhando funcionou como uma denúncia pública deste fato.

A partir das teorias já relatadas a respeito de redes sociais online, faremos agora uma relação com as análises feitas das postagens, procurando identificar os elementos teóricos trazidos para a prática observada. Descrevemos neste trabalho a mobilização social como um processo de convocação de vontades para uma mudança de realidade, através de propósitos comuns. Trouxemos também algumas características que definem um movimento como sendo de mobilização social, como uma identidade definida a partir das práticas, a presença de um adversário e a definição de uma meta societal. Todas estas questões foram observadas a partir da análise feita. Notou-se a formação de uma identidade bem definida na página, que é reflexo das opiniões do grupo, e foi vista no uso de linguagem opinativa que se posiciona contra o corte de árvores e o contra aumento das passagens. Há também a presença de um adversário, a prefeitura, em especial o atual prefeito José Fortunatti, e as empresas que atuam no transporte coletivo da cidade, responsáveis, de acordo com a página, por um lucro excessivo em detrimento dos interesses da população.

Apontamos a presença dos atores, primeiros elementos da rede social, trazidos por Recuero (2011). Eles são compreendidos como representações construídas no ciberespaço, uma vez que existe um distanciamento físico característico do próprio meio. Cada uma destas representações é entendida aqui como um nó que pode replicar conteúdos a partir das conexões estabelecidas no perfil. São estes nós os responsáveis pela circulação das postagens analisadas neste trabalho, uma vez que os perfis curtem e compartilham conteúdos deixando-os acessíveis

também para suas conexões. Estes conteúdos foram utilizados para esta pesquisa e buscados na página do “Defesa Pública da Alegria”. A partir desta afirmação nota-se que os conteúdos da web podem ser buscados em função de sua permanência, teoria defendida por Recuero (2012) neste trabalho. Esta permanência implica o envolvimento de mais interagentes do que os que iniciaram a conversa, pois qualquer usuário pode buscar estas postagens depois de meses e encontrar os conteúdos.

A relação entre os usuários no Facebook ou entre usuário e uma página podem ser reativas ou mútuas, de acordo com conceitos já trazidos. O ato de clicar em curtir e compartilhar pode ser entendido como uma relação reativa entre atores, de acordo com o pensamento do autor, no entanto, por se tratar de mobilização, estes atos trazem respaldo para a causa e indicam uma identificação com o tema proposto, gerando envolvimento com questões sociais da cidade. Por estes motivos, entenderemos a relação entre os usuários e a página como uma relação mútua onde os atores envolvidos têm uma troca criativa que gera capital social. Os atores que interagem com os conteúdos são os responsáveis por disseminar estes conceitos na rede, pois geram possibilidades de conectar mais nós à causa.

A respeito do capital social gerado, indicamos novamente que ele não se forma somente nas interações entre atores, mas também a partir do tipo de conteúdo que é gerado. Este conteúdo é o que determina o aprofundamento do capital social. Por se tratar de uma página que representa interesses coletivos, entendemos que o capital social gerado é de segundo nível, o que indica uma maior maturidade das relações existentes. Os atores que curtem a página não precisam ter, necessariamente, laços fortes entre si, mas em função de estarem ligados por uma causa, atuam em um pensamento coletivo que procura disseminar e dar relevância social para as causas em questão. A existência deste segundo nível faz com que os indivíduos incrementem o seu capital social individual e o reproduzam dentro do grupo. O capital social desenvolvido pelas interações e conteúdos da página “Defesa Pública da Alegria” está atrelado a valores da própria rede social como a visibilidade, a reputação, a popularidade e a autoridade. O primeiro porque é o número de conexões da página com os nós e dos nós com outros nós que determina a visibilidade dos conteúdos publicados na rede, aumentando ou diminuindo o capital social coletivo. Já a reputação diz respeito à veracidade e confiabilidade de um nó em seus conteúdos publicados, gerando mais capital social à medida que o nó for ganhando a confiança de outros. A partir das postagens analisadas, nota-se que a página é uma referência de disseminação de informações sobre as

causas que apoia, fazendo o uso de linguagem informativa em oito de dez postagens. A popularidade, por sua vez, é uma medida quantitativa que indica a posição do nó na rede. A análise neste trabalho, porém, foi qualitativa e reconheceu a página como centralizadora das discussões a respeito dos temas escolhidos, entendendo que ela tem popularidade nas mobilizações por fazer esta compilação. Neste sentido, uma medida que gera capital social que pode ser analisada no trabalho é a autoridade, que indica a quantidade de conversações que se gera a partir do que foi dito inicialmente. Viu-se, a partir das análises, que a página gera não só diálogos sobre o tema, mas também agrupamentos nos meios offline, sendo entendida como ‘especialista’ das causas estudadas.

Neste trabalho, a página no Facebook “Defesa Pública da Alegria” será entendida como uma comunidade virtual, uma vez que é encaixa-se no conceito trazido por Lemos (2010) de que as comunidades agregam pessoas em torno de interesses comuns e independem de fronteiras físicas. Pode-se dizer que os usuários que curtem a página, tem o interesse de se mobilizar por causas da cidade de Porto Alegre, sejam do meio ambiente, de transporte público ou de outras ações. Por estar no Facebook, também não depende de um território demarcado, ocorrendo no site de rede social citado. As comunidades dentro das redes sociais possuem grande densidade e são constituídas de capital social de segundo nível, como já dito. Estas comunidades são construídas pelos próprios indivíduos que se interessam por determinado assunto, não havendo uma grande diferenciação entre o criador da comunidade e seus usuários. Vimos a partir das análises que os criadores da página que postam os conteúdos não se colocam em um lugar diferente de fala, mas sim reafirmam o ponto de vista compartilhado por aqueles que curtem a *fanpage*.

Trouxemos anteriormente conceitos de capital social relacional e cognitivo. O primeiro tende a acontecer entre laços fortes, gerando confiança. O capital social cognitivo está associado à disseminação de conteúdos informativos nas redes e é mais efêmero, pois depende de ser novidade para ser replicado. Por se tratar de uma comunidade virtual que produz capital social de segundo nível, em função dos interesses comuns das pessoas que curtem a fanpage, o capital gerado é relacional e cognitivo. Relacional porque gera relação de confiança e união em torno de uma causa e cognitivo porque dissemina informações a respeito da mobilização e atualiza os usuários. Notou-se, então, nas postagens trazidas a geração destes dois tipos de capital social.

O conceito de memes, que diz respeito aos conteúdos produzidos na web, já foi trazido e será retomado para compreender qual a relação das postagens com este padrão criado para a replicação de conteúdos. A mutação diz respeito à capacidade de transformação de um meme ao ser replicado. Nota-se, a partir da análise feita, que o usuário que curte ou compartilha um conteúdo pode inserir sua opinião e até mesmo discordar do que foi dito na postagem. O conceito de seleção natural também se faz interessante para este trabalho, pois está associado à capacidade que um meme tem de se destacar frente a tantos outros. Como escolhemos as dez postagens mais curtidas e compartilhadas, estas imagens já fazem parte do grupo de memes que se destacaram em relação aos outros. É importante ressaltar, porém, que os conteúdos analisados não são epidêmicos, isto é, não circulam em nível global para diversos grupos sociais, mas sim, atuam em um grupo específico, cidadãos da cidade de Porto Alegre, sendo caracterizado, então, como fecundo.

De acordo com o pensamento já trazido de Recuero (2009), os conteúdos gerados nas redes sociais podem repercutir nos meios offline, gerando uma extensão e incrementação deste último. Nota-se, a partir da análise, que o movimento contra o corte de árvores e contra o aumento das passagens organizou-se no site de rede social Facebook e gerou repercussão nos meios offline, culminando em manifestações com a presença física de usuários e intervenções, como as placas nas árvores cortadas vistas em uma das imagens. Gerou também repercussão nas mídias, como nos exemplos trazidos dos jornais, proporcionando uma retroalimentação, uma vez que estes conteúdos foram postados na fanpage.

A mobilização iniciou-se no meio online, mas não se restringiu a curtidas e compartilhamentos de conteúdos. Entendemos no presente trabalho que estes conteúdos funcionam no sentido de unir as pessoas em torno de uma causa, gerando repercussões offline como a mobilização através de manifestações e protestos. Esta união já foi abordada no presente trabalho com o nome de cooperação. A cooperação individual pode ser gerada por interesses próprios, pelo capital social do grupo ou por interesse pela causa debatida. No caso da comunidade virtual analisada, os membros atuam por uma causa comum, defender uma cidade voltada para o coletivo, e a competição e conflito funcionam como elementos agregadores entre os membros. A inserção de novos membros e saída de outros já é algo esperado e faz com que o grupo tenha que se reestruturar constantemente e se auto gerir.

A partir de todas estas considerações trazidas sobre redes sociais online e a análise das postagens da página “Defesa Pública da alegria”, vê-se uma relação com os conceitos trazidos a respeito das características participativas da web 2.0. Primeiramente, pode-se dizer que a questão do corte das árvores e do aumento das passagens envolve muitas pessoas, instituições governamentais e setor privado, sendo caracterizado como um tema de interesse social da cidade. Por este motivo, se posicionar e sugerir uma mobilização popular em questões que envolvem estas disputas de poderes, seria uma tarefa muito mais complicada no passado. Atualmente, as redes sociais permitem que conteúdos que não tinham a chance de repercutir tenham visibilidade pública e até mesmo gerem pautas para grandes meios de comunicação, como foi o caso dos movimentos analisados. A partir disso, percebem-se algumas características da web 2.0 como a liberdade de escolha do usuário a partir de suas preferências pessoais. A página “Defesa Pública da Alegria” oferece a possibilidade de pessoas que são contra o posicionamento do governo a respeito destas duas questões, manifestarem-se de forma mais organizada. Dessa forma, refutamos que, mesmo que exista um criador de conteúdos para a página, a relevância social só é adquirida a partir das curtidas e comentários de muitas pessoas, fazendo com que todos sejam participantes ativos.

Vale ressaltar também que os próprios criadores da página não são comunicadores experientes, mas sim pessoas que não concordaram com os rumos das decisões políticas da cidade e resolveram se mobilizar em rede. Isto condiz com o pensamento de que na web 2.0 todos tem a oportunidade de serem produtores. Em casos de mobilização social, a competição na produção de conteúdos é colaborativa e ações de outros usuários são vistas como oportunidades de visibilidade. A riqueza de uma página na internet está, então, na forma como combina informações, criando novos padrões de ligação. Conforme já dito, a página é entendida como uma referência para pessoas que procuram informações sobre mobilizações sociais em Porto Alegre, justamente por fazer esta relação entre conteúdos que antes eram desconexos. A inteligência coletiva gerada na internet é percebida de maneira mais clara pelos usuários quando se observa uma relação de interdependência entre as ações feitas. No caso da página analisada, nota-se que a mobilização social com o corte das árvores, por exemplo, começou com uma postagem no dia 06 de fevereiro e foi evoluindo até chegar ao acampamento feito em torno das árvores. Esta linha do tempo mostra a evolução da própria mobilização e indica para os usuários que a sua ação faz a diferença e que é importante a mobilização de todos os indivíduos

para que a causa tenha êxito. Essa sensação de que se faz a diferença no grupo é o fator motivador da participação social, pois é a união de pessoas que torna um tema relevante.

Outra questão interessante de ser retomada é a diferenciação entre compartilhamento comum e compartilhamento cívico. O compartilhamento comum gera capital social válido somente para participantes daquele contexto. Já o compartilhamento cívico, gera valor para toda a sociedade, pois todos são impactados pelas ações e transformações. É o caso das postagens analisadas, uma vez que a mobilização feita através da rede possibilitou a licitação para revogar o aumento das passagens, afetando toda população de Porto Alegre.

Entende-se, então, a partir de toda relação construída entre a prática e a teoria, que o conteúdo que gerou maior mobilização na página Defesa Pública da Alegria a partir do viés selecionado e do período de tempo da análise foram imagens fotográficas com presença de texto e status complementado. O conteúdo que gerou essa mobilização é próprio da página e teve uma maior representatividade na linguagem informativa. Concluimos, então, que estas imagens representam a própria evolução da manifestação e dão uma sensação de realidade para o usuário que pode ficar sabendo dos rumos da manifestações e do número de manifestantes. A partir de fotos das intervenções dos manifestantes e dos protestos, os usuários podiam acompanhar a disseminação do movimento e saber quais ações estavam sendo feitas. A presença de texto na própria imagem torna o conteúdo mais completo, pois informa de forma rápida, característica do próprio site de rede social Facebook. O status que complementa a imagem humaniza a publicação e coloca o criador da página no mesmo lugar de fala do usuário, mostrando que compartilha do mesmo ponto de vista a respeito do andamento dos protestos. Esse sentido de coletividade gera uma identificação entre o usuário que curte a página e os conteúdos postados pelos seus criadores, disseminando ainda mais os conteúdos pela rede. A maior presença da linguagem informativa indica que a página tornou-se uma referência nas mobilizações da cidade de Porto Alegre, fazendo com os usuários a procurem para se informar a respeito dos rumos dos protestos a partir de um ponto de vista que confia ser verídico.

5. Considerações finais

Muito tem se falado a respeito da apropriação que os usuários tem feito das redes sociais que geram transformações sociais em suas respectivas cidades. Conforme foi dito neste trabalho, não falamos de uma mudança no comportamento humano, mas sim de novas possibilidades de participação e engajamento, fazendo com as pessoas possam, a partir de ações simples, influir em políticas públicas que afetam sua vida.

O aumento da passagem de transporte coletivo sempre foi um tema de muito conflito de opiniões e oposição entre interesses privados e públicos. Este trabalho está se encerrando justamente no momento em que em várias cidades do Brasil manifestantes se mobilizaram, inicialmente pela causa do transporte público (e em extensão a várias outras questões que, diante de estarmos vivenciando este momento, todos buscamos compreender a extensão das causas deste engajamento). Protestos sempre ocorreram e, muitas vezes, foram extremamente eficazes, como no caso das “Diretas Já”, por exemplo, e atualmente a internet é uma forma de potencializar ainda mais esta participação e agregar mais pessoas a causas sociais. O protesto contra o aumento das passagens de Porto Alegre mobilizou grande parte da população que acabou se posicionando contra este aumento em função da adesão e participação física de muitos manifestantes. O fato do aumento ter sido revogado em função de uma liminar atenta para a efetividade de uma mobilização que começou no Facebook e tomou as ruas da cidade.

Da mesma forma, os protestos contra o corte de árvores tomaram as redes e as ruas e conseguiram realizar uma mobilização que foi efetiva durante um mês, através de um acampamento. As árvores acabaram por ser cortadas através da força policial, após o término do período de análise das postagens, e a consequente prisão dos manifestantes foi amplamente

repudiada nas redes, posteriormente, mobilizando novos protestos em torno do tema. Mesmo com esta ação por parte da prefeitura, falamos aqui de uma mudança cultural onde pessoas compartilharam em um espírito cívico um interesse pela natureza e preservação ambiental através de uma ação no Facebook.

A página analisada utilizou-se de imagens com texto, com status complementar com linguagem principalmente informativa, mas também coletiva e opinativa para mobilizar pessoas em torno de uma causa comum. Esta mobilização resgata um sentimento de pertencimento local, tornando todos cidadãos responsáveis por melhorias e novas propostas de convivência urbana.

Enquanto estudante de comunicação social, acho muito interessante analisar a forma como estes protestos que se iniciaram no meio online tomaram as ruas das cidades e estão transformando as suas políticas locais. Enquanto cidadã, engajada nas causas que dizem respeito ao bem estar público, participei ativamente destes movimentos e pude compreender sua ótica de um ponto de vista comunicacional. Este tema também auxilia na minha trajetória profissional, uma vez que trabalho com gerenciamento de redes sociais. Do meu ponto de vista pessoal, e de acordo com tudo que foi trazido nestes trabalho, as redes sociais potencializaram o engajamento social e permitiram que mais pessoas pudessem se mobilizar por uma causa e tomar conhecimento das repercussões das manifestações a partir de produções de conteúdo dos próprios manifestantes. Esta informações tem um grande valor para a manutenção da democracia, pois permite que todos possam construir a sua própria visão sob determinado assunto a partir de vários pontos de vista.

Os sites de redes sociais, neste sentido, tem força, em uma ligação entre a Internet e a rua - ainda que se saiba e relativize a possibilidade de todos acessarem a web, da mesma maneira que a televisão e o rádio foram em sua época, com a diferença de que esta primeira ferramenta pode transformar suas possibilidades diariamente em função das apropriações de seus usuários. Por este motivo, se faz necessário e importante o estudo das micro revoluções locais que estas redes tem gerado ao redor do mundo.

6. Referências

ANDERSON, Chris. *A cauda longa*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

ANTOUN, Henrique. *Web 2.0 Participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ANTUNES; RIDENTI, Ricardo; Marcelo. Operários e Estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações: Revista de ciências sociais*. V.12, n °7, 2002. Acesso em: 29/04/2013.

ASSIS, Charleston José de Sousa. *Diretas, Cruzado e Constituinte: cultura política e participação popular na longa década de 80*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Acesso em: 30/04/2013.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. V. 9, nº 17, 2005. Acesso em: 20/03/2013.

COUTINHO, Iluska. Análise de Imagem. Duarte e Barros (org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008.

FONSECA, Wilson Correa Junior. Análise de conteúdo. Duarte e Barros (org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008.

GABRIEL, Marta. *Marketing na era digital conceitos, plataformas e estratégias*. São Paulo: Novatec, 2010.

G1. *Após reunião, proibição de corte de árvores em Porto Alegre é mantida*. Acesso em: 08/05/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/apos-reuniao-proibicao-de-corte-de-arvores-em-porto-alegre-e-mantida.html>

G1. *Liminar suspende aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre*. Acesso em: 08/05/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>

HENRIQUES, Marcio Simeone. *Comunicação e Estratégias de Mobilização Social*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

IBOPE. *Acesso à internet no Brasil atinge 94 milhões de pessoas*. Acesso em: 04/06/2013. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/acesso-a-internet-no-brasil-atinge-94-milhoes-de-pessoas.aspx>

JOLY, Martine. *Introdução à análise de imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

LEMOS, André. *Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirede (DHMCM)*. Antoun (org.). *Web 2.0 Participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LEMOS, André. *Cibercultura - tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2010. 5ª edição.

LIMEIRA, Tania. *E-marketing o marketing na internet em casos brasileiros*. 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2007

MALINI, Fabio. “Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo”. Antoun (org.). *Web 2.0 Participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PEREIRA, Vinicius Andrade. “G.A.M.E.S 2.0 – Gêneros e gramáticas de arranjos e ambientes midiáticos moduladores de experiências de entretenimento, sociabilidades e sensorialidades”. Antoun (org.). *Web 2.0 Participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PRIMO, Alex. *A interação mediada por computador: A comunicação e a educação à distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional*. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Informática e Educação (UFRGS) em março de 2003.

RABAT, Marcio Nuno. *A Participação da juventude em movimentos sociais no Brasil*. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2002. Acesso em: 29/04/2013.

RECUERO, Raquel. *A Conversação em rede: Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2º ed, Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel. *Uma Reflexão sobre Redes Sociais Online e Offline*. Julho, 2009.

Disponível em:

http://www.raquelrecuero.com/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html

1 - Acesso em: 07/04/2013.

SCHIMIDT, João Pedro “Os jovens e a construção do capital social no Brasil”. Baquero (org.). *Democracia juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SUL 21. *Acampados contra corte de árvores farão atividades neste final de semana em Porto Alegre*. Acesso em: 08/05/2013. Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/transito/noticia/2013/03/estudo-acirra-criticas-ao-aumento-das-passagens-de-onibus-em-porto-alegre-4060432.html>

SUL 21. *Revolta contra o aumento da passagem gera grande protesto na noite de Porto Alegre*.

Acesso em: 08/05/2013. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2013/03/revolta-contra-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>

TORO, José Bernardo. *Recado de Bernardo Toro a Juventude*. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=lfSdY-9Fo4g> - Acesso em: 30/07/2013.

TORO; WERNECK, José Bernardo; Nísea Maria Duarte. *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*. Unicef: Brasil, 1996. Acesso em: 07/03/2013.

TRACK SOCIAL. *Methodology*. Acesso em 20/03/2013. Disponível em: http://tracksocial.com/article_methodology-tracksocial

UOL. *Maior rede social do mundo, Facebook, tem número estratosféricos*. Acesso em: 20/03/2013. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/album/2012/08/03/maior-rede-social-do-mundo-facebook-tem-numeros-estratosfericos-conheca.htm#fotoNav=2>

WEBDESIGNER DE POT. *The history and evolution of social media*. Acesso em: 04/04/2013. Disponível em: <http://www.webdesignerdepot.com/2009/10/the-history-and-evolution-of-social-media/>

WIKIPEDIA. Blog - Origens. Acesso em: 04/04/2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog#Origens>